

Apontamentos sobre os Guarani*

Notes about the Guarani

Curt Nimuendajú

Apresentação da presente edição

Pablo Antunha Barbosa
Graciela Chamorro

Na introdução geral deste número, já dissemos que *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani* tardaram muito a chegar ao público lusófono, tendo sido publicada em português apenas em 1987. Nesse sentido, é possível dizer que devemos a Egon Schaden os primeiros esforços de divulgação em português das pesquisas sobre os Guarani realizadas por Nimuendajú.

Em 1954, Egon Schaden traduziu, anotou e publicou pela primeira vez um manuscrito em alemão de Nimuendajú na *Revista do Museu Paulista*, instituição onde se encontrava o manuscrito original. Os “Apontamentos sobre os Guarani” datam, contudo, de dezembro de 1908 e correspondem assim ao esboço preliminar para a elaboração d’*As lendas...* que só viria ao público seis anos depois.

Se num primeiro momento foi graças à tradução ao português dos “Apontamentos...” que o público brasileiro pôde ter o acesso facilitado aos dados de Nimuendajú sobre os Guarani, pode-se dizer que, após a tradução de 1987, d’*As lendas...* tal texto caiu em total esquecimento aos olhos dos estudiosos dos Guarani. No entanto, como comenta Schaden na apresentação que faz dos “Apontamentos...”, a tradução desse texto não tinha por único objetivo preencher apenas o vazio da inexistência de uma tradução d’*As lendas...* ao português. Ao contrário, para Schaden, os dois textos deviam ser lidos de forma complementar e simultânea, uma vez que muitas “*observações interessantes*” presentes nos “Apontamentos...” não haviam sido “*aproveitadas no trabalho*” publicado na revista *Zeitschrift für Ethnologie* de Berlim em 1914¹.

* Publicado originalmente na *Revista do Museu Paulista*, v. 8, p. 13-57, 1954, a partir de manuscrito encontrado no mesmo museu e datado de 02/12/1908. Transcrição de Mahyara Vale e Alexandre Bretchenaider.

Apesar de termos feito pesquisas em arquivos, infelizmente não nos foi possível localizar para esta reedição o manuscrito original de Nimuendajú a partir do qual Schaden realizou a tradução e a anotação do texto. Teria sido extremamente interessante compará-lo com a tradução de Schaden para poder esclarecer alguns detalhes que ainda permanecem confusos na primeira edição dos “Apontamentos...”. Por exemplo, na reprodução da genealogia da família de José Francisco Honório, pai adotivo de Nimuendajú, anexada no final do texto e reproduzida neste dossiê, há incoerências geracionais e de parentesco se comparadas às informações existentes n’ *As lendas...* Sem ter acesso ao documento original, não nos foi possível saber se tais incongruências são apenas o resultado de erros de transcrição, tradução e digitação por parte de Schaden ou, ao contrário, se à época da elaboração dos “Apontamentos...” Nimuendajú ainda tinha dúvidas em relação aos laços de parentesco dos membros da família que o adotaria.

A reedição dos “Apontamentos...” se justifica ainda mais se considerarmos a tradução e reedição dos textos da série *Deutsche Zeitung* de Nimuendajú neste mesmo volume. Entre os seis textos dessa série, três deles abordam suas pesquisas entre os Guarani. Com exceção do texto “Nimongaraí”, publicado recentemente na *Revista Mana*, os outros dois nunca haviam sido traduzidos antes ao português. Dessa forma, com a tradução dos textos “Da fogueira de acampamento” e “Os buscadores do céu” são publicados pela primeira vez e num só volume todos os artigos sobre os Guarani de Nimuendajú de que temos conhecimento.

Com o intuito de atualizar e iluminar certos pontos do texto, optou-se por agregar algumas notas de rodapé [notas da presente edição]. Essa foi a única alteração no conteúdo do texto, reproduzido do original, o qual inclui notas de Nimuendajú [nota do autor] e de Schaden [nota do tradutor].

Apontamentos sobre os Guarani²

Apresenta-se aqui aos estudiosos da etnologia brasileira a tradução de um manuscrito alemão de Nimuendajú existente no arquivo do Museu Paulista. São informações não sistematizadas sobre os costumes, a língua, a história e as peripécias dos Apapocúva, grupo indígena do ramo guarani afamado na literatura americanista graças ao trabalho “Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grudlagenn der Religion der Apapocúva-Guarani” (*Zeitschrift für Ethnologie*, v. XLVI, pp. 284-403, Berlim, 1914), que foi a primeira grande construção de Curt Nimuendajú ao conhecimento de nossos aborígenes. É possível que em vida o autor se opusesse à divulgação dessas notas despretensiosas, escritas ao correr da pena, objetando talvez que em sua maioria se encontram corrigidas e ampliadas, no citado

estudo, do qual, aliás, parecem constituir o esboço preliminar. Assim mesmo, julguei útil aceitar a incumbência de traduzir essas páginas, primeiramente porque há nelas, em todo caso, observações interessantes não aproveitadas no trabalho da *Zeitschrift für Ethnologie* e, em segundo lugar, porque este último continua praticamente inacessível ao leitor brasileiro.

Em parte, as informações sobre os sofrimentos por que os Guarani passaram em seus contatos com gente estranha não poderiam ser divulgadas na época em que foram escritas, pois eram vivas algumas das pessoas em apreço. De qualquer forma, porém, é certo que o autor teve a intenção de depor perante a posteridade sobre a maneira pela qual se tratavam e maltratavam os índios. Mas, por simples ditame de prudência, se outros motivos não houvesse, o documento devia ser confiado provisoriamente ao silêncio dos arquivos. Nele se topam, cá e acolá, expressões rudes e duras, nascidas da indignação e da revolta. Traduzem o amor que Nimuendajú voltava a seus irmãos da mata e a intransigência com que os defendia das injustiças de toda sorte. Não nos assistiria o direito de duvidar da sinceridade de seu testemunho. Sempre e em toda parte a sua voz se levantou para declarar, alto e bom som, que é crime negar tratamento humano a desprezados e maltrapilhos indígenas, cuja existência não raro se transformou em inferno após a chegada dos portadores da civilização.

Quem quer que hoje em dia entre em contacto com índios Guarani em situação de marginalidade cultural, não tarda a descobrir a quase mania-de-perseguição de que são vítimas. É uma atitude de espírito decorrente, em parte dos contactos culturais a que estão expostos há um século e tanto, mas em parte também do misticismo religioso exacerbado pelo mito do cataclisma futuro. Ora, de um índio acochado pela ideia de que a terra está prestes a ser destruída pelo fogo, pelas águas ou mesmo pelas trevas, e obsecado pelo mal que, em sua opinião, sempre em toda parte se lhe pretende fazer, não é possível exigir julgamento sereno e objetivo em suas relações com pessoas estranhas. Baseado em minha própria experiência, avalio bem as cores escuras e fantásticas em que os Guarani devem ter pintado a Nimuendajú as suas atribulações. Talvez haja, pois, algum exagero em um ou outro episódio que se vai ler, mas é claro também que o autor não deve ter poupado esforços para aproximar-se da verdade dos fatos, que em parte, aliás, ocorreram nos anos que conviveu com a tribo.

Ao etnólogo exigente e ávido de largas interpretações teóricas, possivelmente não satisfaça o registro casuístico das observações que se vão ler. Mas não deixará também de reconhecer o valor ilustrativo dos fatos particulares e a sua importância para a compreensão do “ethos” cultural e da personalidade básica dos Guarani, sobretudo porque completam os dados do trabalho maior.

Dividem-se esses apontamentos em quatro partes. A maior delas trata da movimentada história das migrações guarani entre 1830 e 1908. Na se-

gunda, a que intitulei **Acontecimentos vários**, narraram-se primeiro alguns episódios que exemplificam a maneira vergonhosa pela qual os índios foram tratados e a seguir descreve-se o “batismo” guarani e a cerimônia da adoção de Nimuendajú na comunidade tribal. Em terceiro lugar, algumas páginas sobre o médico-feiticeiro. À quarta parte dei o título de **Mitologia e crenças religiosas**. Seguem-se, em apêndice, a tábua da família de José Francisco Honório (que era capitão da aldeia do Araribá), um mapa das regiões percorridas pelos Guarani em suas migrações pelo território paulista, a reprodução de interessante desenho e, por fim, rápido bosquejo de objetos de culto religioso.

Conservei na tradução a grafia original das palavras indígenas, embora esta não corresponda exatamente à que o autor usou mais tarde. Ao capítulo histórico Nimuendajú acrescentou dezoito notas. Alguns comentários meus, precedidos de pequeno vocabulário de termos guarani usados pelo autor, encontram-se no fim da tradução. É claro que o texto poderia dar margem a extensas discussões etnológicas, que, aliás, em parte foram feitas magistralmente pelo próprio pesquisador em seu estudo de 1914. Contudo a compreensão das páginas aqui traduzidas não requer erudição, nem muita teoria. Achei por isso, que não devia sobrecarregá-las com grande número de notas explicativas e comparativas.

São Paulo, 30 de setembro de 1950.

Egon Schaden

I Sobre a história dos Guarani

1 Os Guarani no Iguatemi por volta de 1830³

O bisavô de Avacaujú⁴ era capitão no Iguatemi⁵. Certa vez, pôs-se a caminho com sua gente, a fim de trabalhar para os paraguaios. Na aldeia ficaram somente o filho mais velho, a mulher com o filho menor, que era criança de colo, uma segunda mulher e um homem de idade.

Depois que os Guarani foram rio abaixo, vieram os Avavaí⁶ e assaltaram a aldeia. Mataram o ancião e o filho mais velho do capitão, atearam fogo nas cabanas e levaram prisioneiras as duas mulheres e a criança. Quando à noite, no acampamento, o menino⁷ começou a gritar de medo dos Avavaí, estes o seguraram na fumaça da fogueira até ficar meio sufocado e sem poder gritar. As mulheres guarani, porém, na esperança de que os guerreiros de sua aldeia não tardassem em seguir o rasto dos Avavaí, foram amarrando as flechas às cordas dos arcos, com auxílio de cipó, e quando os Avavaí lhe perguntaram por que motivo faziam isso, responderam que era costume guarani.

Entrementes, o capitão dos Guarani regressou à aldeia e viu o que tinha acontecido. Disse então aos seus guerreiros: “É melhor seguirmos imediatamente os Avavaí, talvez os alcancemos ainda”! Em seguida, os Guarani afiaram os seu facões⁸ e calibraram as suas flechas sobre o fogo. Foram andando em torno do local, até descobrirem o rasto dos Avavaí e depois seguiram-no. Encontraram dois lugares em que os inimigos haviam pernoitado. Na tarde do terceiro dia chegaram à proximidade de um rio e perceberam que estavam frente à aldeia dos Avavaí. Alguns estavam no rio, ocupados com um pari, outros faziam covos, e o chefe, sentado na margem, estava trançando um cesto.

Aí os Guarani avançaram até o barranco do rio e o capitão deles gritou para outro lado: “Vamos ver se vocês agora podem conosco”! Dito isto, lançou-se no rio e sobre os Avavaí. Os Guarani atacaram três vezes e mataram muitos inimigos; os restantes fugiram. O irmão do capitão guarani portou-se com grande valentia. Perseguiu dois Avavaí, que, na fuga, pularam num poço do rio. Lutou com eles na água, mas os dois Avavaí conseguiram subjugar-lo e ele estava prestes a não resistir mais, quando se lembrou duma faquinha que levava à cintura. Mergulhou depressa no poço e quando, ao olhar para o alto, viu nadar acima de si os dois Avavaí, enterrou a faca no peito de um e no baixo ventre do outro. A seguir, foi até a margem e não vendo mais a ninguém em toda a redondeza, chamou: “ó meu irmão mais velho, você está vivo ainda”? “Estou vivo”! respondeu de longe o capitão, que, juntamente com os seus homens, havia perseguido os Avavaí fugitivos.

Mal os Guarani tinham iniciado o ataque, uma das mulheres prisioneiras correria para o lado deles. Mas a mulher do capitão assustou-se de tal modo

com os gritos de assalto e alarido da luta que ela correu com sua criança para dentro, onde se escondeu. Por longo tempo, os Guarani chamaram e procuraram-na em vão e, afinal, tiveram de ir-se embora sem ela.

O capitão, entretanto, não sossegou e daí a poucos dias tornou a levar a sua gente para dentro do mato. Mais uma vez assaltaram o acampamento dos Avavaí, mas não encontraram a mulher com a criança, nem numa terceira expedição, realizada pouco após. O capitão, porém, incapaz de consolar-se com a perda, ficou melancólico, de modo que os seus homens começaram a ter medo dele e, quando pela quarta vez ele os quis levar contra os Avavaí, negaram-lhe obediência. Esperou ainda alguns dias, mas ficou pensando só na mulher e no filho e afinal disse ao irmão: “Ouça, meu irmão mais novo, eu volto para o mato e sei que desta vez vou morrer”.

E foi, acompanhado somente do único de seus três filhos que lhe ficara, um menino bastante crescido. Pouco depois de irem embora, chegaram à aldeia a mulher e a criança que se haviam procurado. “Por que foi que você demorou tanto”? Perguntou-lhe o irmão do capitão. “É que eu tinha medo do meu marido, porque pensei que se zangasse comigo por eu ter fugido para o mato”.

Enquanto isso, o capitão e o filho dele andaram pelos matos em procura de rastos de Avavaí.

Ao anoitecer do segundo dia caiu uma chuva forte; o capitão sentou-se debaixo de uma árvore e o filho, que levava o arco do pai, debaixo de outra, um pouco distante. Enquanto estavam aí sentados, veio de mansinho um bando de Avavaí. Quando o capitão os viu, levantou-se e gritou: “Venham cá, seus corujas”! O menino quis levar-lhe depressa o arco, mas já era tarde; os Avavaí lançaram-se sobre o capitão e massacraram-no. Vendo isso, o menino fugiu, e como ele era ainda pequeno, só um dos inimigos foi atrás dele. Quando este o alcançou, o menino de repente se jogou no chão, quebrando, com a pequena clava que tinha consigo, a canela de seu perseguidor. Depois acabou de matá-lo e conseguiu fugir para casa. “Meu pai, disse-me ele, morreu nas mãos dos Avavaí, mas eu também matei um deles”.

2 Os Guarani no Tibagi 1835-1850 (??)⁹

Os Guarani puseram-se em marcha para conhecer a grande água no leste. Iam com eles alguns poderosos médico-feiticeiros. Chegando lá, estes deviam jogar com todos os recursos, para talvez conseguirem que se pudesse caminhar por sobre a grande água, para chegar à terra em que não se morre¹⁰.

Quando chegaram ao rio Paraná, muitos pensaram que já fosse a grande água. Na ocasião, as águas do Paraná estavam revoltas, construiu-se uma

grande canoa e os Guarani passaram sem acidente para o outro lado, uma leva após a outra. Na margem oposta encontraram alguns Guaianá^{11,12,13}, cuja tribo naquela época já chegara até Paranapitinga e Pescaria. Contaram aos Guarani que na região havia uma ave de canto muito alto e singular e que na terra cresciam árvores com agulhas em lugar de folhas. Aí os Guarani acreditaram que de fato já tinham chegado à terra em que ninguém morre e com mil privações seguiram adiante, cantando e em procura de mel.

A onça seguiu-lhes o rasto e matou um Guarani; ia sempre atrás do bando e rondava o acampamento. O capitão fez construir um mundéu, mas a onça não caiu nele e pegou mais um Guarani. Aí o capitão pensou num jeito de matá-la, para que ela não exterminasse aos poucos a tribo toda. Afiou o facão e pôs-se sozinho na trilha da onça, mas esta era esperta e não apareceu. Todavia ela assaltou outro Guarani. É verdade que a conseguiram enxotar, mas já lhe havia esfacelado os joelhos e a nuca. Quando os companheiros o acharam, ele ainda podia falar e deu-lhes o conselho de o abandonarem ali mesmo, pois assim atingiriam o Jataí¹⁴ sem serem perturbados. Pediu que lhe entregassem um maracá e disse ao capitão que pendurasse outro maracá livremente no acampamento. No momento em que este segundo começasse a soar sozinho, teriam um sinal de que a onça estava dando cabo de sua vida. O capitão seguiu o conselho e ao cair noite o maracá começou a soar sozinho no acampamento. Então a capitão reuniu a sua gente, dizendo-lhe: “Vejam, agora o homem está sendo comido pela onça”.

Os Guarani chegaram ao Jataí. Depois de cinco dias, a onça os alcançou e ninguém mais teve coragem de ir à caça e de buscar água. O capitão precisou mandar fazer um grande jirau no alto das árvores e, quando anoitecia, todos subiam aí. Uma noite veio a onça e quis subir pelos troncos das árvores, mas o capitão matou-a com a lança.

Mas já no dia seguinte veio outra onça, que matou um Guarani. O capitão disse: “A esta podemos pegar com facilidade”. Mandou fazer um grande chiqueiro e na ponta, junto a saída colocou dois arcos armados; em seguida, os Guarani se retiraram para o jirau. À noite veio a onça e ficou rodando a acampamento, até que de madrugada entrou no chiqueiro. Ao aproximar-se da saída, atingiram-na as duas flechas, que dispararam, e os Guarani desceram, acabando de matá-la.

A seguir, os Guarani se estabeleceram junto ao Tibagi.

Depois vieram os portugueses. Os Guarani viram sobre o rio as numerosas e grandes canoas, ouviram os tiros e disseram: “Agora estamos perdidos; ali vem gente de outra tribo”. Entre os portugueses havia o Capitão Mini, e que falava um pouco de Guarani. Gritou para os Guarani que não tivessem medo que nada lhes aconteceria. Aí encostaram as canoas, e delas saíram negros e cada vez mais negros, de modo que os Guarani ficaram assustados,

perguntando ao Capitão Mini: “Que bichos são esses? Não matam e não mordem”? Mas o Capitão Mini lhes disse que era gente. O dono das canoas mandou então dar aos Guarani café e cachaça, de que eles não gostaram. Aí o capitão Mini colocou um pouco de açúcar na boca do Capitão Guarani: “Isto é melhor ainda do que mel”, e do açúcar os Guarani gostaram. O dono das canoas mandou então distribuir fazendas e deu ao capitão Guarani um par de calças, mas ele não as quis vestir de jeito nenhum e afinal amarrou as pernas das calças à maneira de avental. O Capitão Mini lhe quis mostrar: “Veja, é assim que você deve vestir”. O Guarani, porém, ficou sentado e replicou: “Deixe, está bem assim!”¹⁵

Entre os Guarani havia uma jovem muito bonita, que o dono das canoas quis para si. Dormiu uma noite com ela e na manhã seguinte mandou aquecer água e levar à sua grande tenda uma bacia com água quente e outra com água fria. Em seguida amarraram a jovem, lavaram-na com sabão e em fim forçaram-na a vestir roupa e calçar sapatos. Vendo isso, os Guarani ficaram tão amedrontados que fugiram durante a noite, deixando apenas um velho que já não era capaz de correr. Construíram sua aldeia mais para jusante e lá ficaram morando por algum tempo. Receberam mais uma vez a visita dos portugueses, mas estes os agradaram e não fizeram nada de mal.

Os Guarani voltaram depois ao Jataí, na mesma época em que os Guaianá chegaram a São João Batista do Rio Verde. Foi esse tempo que chegaram aos índios três frades¹⁶: Frei Mateu [sic] aos Caioá de São Sebastião do Piraju¹⁷, Frei Timóteo aos Guarani do Jataí. Frei Pacífico faleceu pouco depois, mais Frei Timóteo presidiu por longo período à aldeia do Jataí¹⁸. Aconselhava os Guarani a trabalharem, distribuía os trabalhos da lavoura e trouxe todos os apetrechos necessário a fabricação de cachaça e de açúcar. Entretanto os Guarani não queriam viver à maneira que ele propunha, não queriam tomar café, nem comer carne de gado: “Para que? Então havemos de morrer aqui de tanto trabalhar”? Uma noite retiraram-se às escondidas e foram reunir-se aos Guaianá do Rio Verde. Viajaram sob a direção de Guyracambí.

Por esse tempo um negociante, encontrando-se com outro bando de Guarani no Paranapanema, abaixo da foz do Tibagi, foi assassinado com seus homens, apesar de ter sido amistosa a sua aproximação aos Guarani. Julgaram os Guarani que, apesar de tudo, lhes cumpria prevenir um assalto da parte dos portugueses. Quando o negociante os mandou buscar lenha, cada qual trouxe dentro de seu feixe de lenha um tacape. Ao raiar do dia o chefe Guarani acordou os seus homens; massacraram os portugueses, que estavam dormindo, e fugiram rio abaixo, voltando para o Mato Grosso¹⁹.

3 Os Guarani no rio Verde e no rio das Cinzas 1850 (??)-1890

Guaianá e Guarani trabalhavam conjuntamente na divisão de terras, junto ao Itararé, ao Rio Verde etc. e, concluídos os trabalhos, receberam em paga, como propriedade eterna, o triângulo de terras que fica entre rio Verde, o Itararé e o atual Itaporanga. “E quando morrer o último índio – estabeleceu-se na ocasião – as terras não de pertencer a seus cães”.

Sob a direção de Frei Pacífico, os índios construíram a capela de São João Batista, que ainda existe em Itaporanga, e tornaram-se mais numerosos graças à chegada de novos elementos das tribos Guarani e Caioá^{20,21}. De outro lado, parece que o grupo Guaianá não sofreu aumento pela chegada de companheiros de tribo. Apesar de se ter dado um cruzamento em grande escala entre as três tribos²², tornaram-se cada vez mais tensas as relações, especialmente entre os Guarani e os Guaianá. Com insistência, os Guaianá, que no princípio eram numericamente mais fortes, levantavam contra os Guarani a acusação de que estes lhes matavam as crianças com feitiçaria. Quando afinal os Guaianá exigiram, para a realização de suas danças *oguaau*, um rancho sagrado do capitão Araguayraá (Honório), no qual este levantara as imagens de *Nianderequey* e de *Chyvyi*²³, os Guarani destruíram o rancho e vários bandos, na maioria de mistura com Caioá, imigraram, primeiramente para o Rio das Cinzas.

Lá existia já uma aldeia de Guarani junto à Barra Grande²⁴, de onde vários bandos foram para jusante, estabelecendo-se aí. Primeiramente, o bando do Capitão Lucas fixou morada na margem direita, entre a barra do Piranha e a do Boi Pintado, mas não tardou a abandonar esse local.

Por outro lado, a segunda aldeia foi talvez a mais próspera que até o presente existiu no Rio das Cinzas. Foi fundada e dirigida por um chefe enérgico e inteligente, o jovem Capitão Tupãmbai²⁵. A princípio, o bando de Tupãmbai morou nas proximidades do atual Santo Antônio da Platina, no Boi Pintado, mas depois migrou para jusante, indo parar na margem esquerda do Rio das Cinzas, em frente à embocadura do Jacarezinho. Infelizmente Tupãmbai morreu muito cedo, o que constituiu grave perda para a tribo. Certa vez, quando subia o rio com canoas carregadas de produtos da aldeia para serem vendidos aos brasileiros, os Guarani da Barra Grande, vendo-o aproximar-se da aldeia, receberam-no com uma salva de tiros em sinal de regozijo. Tupãmbai, na intenção de responder à salva, pegou a garrucha que se encontrava diante dele no fundo da canoa, mas a arma disparou antes do tempo. A descarga feriu-o mortalmente no baixo-ventre; veio a falecer no dia seguinte, enquanto o levavam de volta à aldeia, e foi enterrado nas imediações do Poço do Surubim. Após a sua morte a aldeia se dispersou. Os Caioá voltaram para o Mato Grosso, os Guarani para a Barra Grande. Só um resto insignificante ficou aí, abandonando o local mais tarde, em 1905, por causa dos bravios Coroados.

Inicialmente os Coroados não haviam feito investidas no rio das Cinzas, até que um belo dia os afugentou, a tiros de espingardas, um brasileiro em cujo paiol estavam tentando roubar milho. Daí a pouco tempo, os Coroados assaltaram-lhe a casa na ausência dele, queimando-a e trucidando a família. Como de costume, os Guarani foram acusados pelos brasileiros, que diziam terem eles estado de conluio com os Coroados para provar a sua inocência, tiveram de seguir com os bugreiros em perseguição aos coroados. A perseguição, como de regra, terminou com a matança de uma aldeia, e a partir dessa época verificaram-se também anualmente no rio das Cinzas assaltos e dadas. Procurou-se também nessa época conseguir a rendição dos Coroados, empregando para tal fim os companheiros de tribo mansos do Jataí; todavia os bravios declararam não render-se enquanto houvesse coesão. Seguiram-se novas expedições de bugreiros e novos assaltos. Por fim os Coroados surgiram igualmente no Jacarezinho onde mataram um pescador Guarani, lançando ao rio o cadáver mutilado. A seguir, também o último resto do bando de Tupãmbé se retirou para Barra Grande.

Antes disso já se dissolvera por sua vez a quarta aldeia, situada na margem direita da grande volta do Laranjinha. O capitão Pedro, dessa aldeia, que fora a passeio a Jataí, perdeu em sua ausência o filho predileto, que morreu subitamente. Quando regressou indicaram-lhe como culpados a dois Caioá que estavam de partida para o Mato Grosso e dos quais se dizia terem morto o filho com feitiço.

João Pedro mandou então quatro Guarani para lhes armarem uma cilada abaixo do Jacarezinho; um dos Caioá foi realmente morto, enquanto o outro conseguiu escapar, chegando ferido à aldeia dos Guarani do Jacarezinho. João Pedro perseguiu-o também aí, mandando matá-lo a tiro enquanto dormia²⁶. Depois dessas ocorrências, conduziu a maior parte de seu bando para o sul de Mato Grosso, onde ele morreu; os que permaneceram no primitivo lugar debandaram depois. Parte dos homens de João Pedro reapareceu recentemente integrado no bando de José Itapura, que subiu o Paraná com seus Guarani e Caioá, fixando-se acima da barra do Tietê, perto de Itapura. Em 1905 foi a São Paulo, a fim de solicitar a doação, a seu bando, de terras das proximidades de Itapura, mas não obteve resposta definitiva. Depois morou no rio Vermelho, em frente à barra do Tietê, mas ao irromper a revolução fugiu descendo o Paraná. Em princípios de 1907 tornou a aparecer em São Paulo, sendo confirmado no posto de capitão, e recebendo também, ao que parece, as terras que pediu, mas desde essa ocasião ignora-se novamente o seu paradeiro²⁷.

Em consequência das referidas hostilidades entre as tribos do rio Verde, o Capitão Yvyrai por sua vez abandonou São João Batista, dirigindo-se com a sua gente para Bananal^{28,29}, perto de Conceição de Itanhaém, onde o Governo havia dado terras aos Guarani aí estabelecidos. Todavia, não gostou do lugar, e por isso seguiu para o sertão do baixo Batalha, sem primeiro voltar a Rio Verde.

4 Os Guarani no Dourados e no Jacutinga 1890-1895

No baixo Batalha, Yvyrai se encontrou com outro bando, que subira o Tietê sob a direção do Capitão Antoninho. Com esses dois chefes veio ter certo dia Frei Sabino³⁰. Este conseguiu interessar o capitão Yvyrai (Leme) pelo plano da fundação de uma colônia indígena junto à barra do Dourados³¹. O capitão Antoninho, porém, não quis saber do plano e com o seu bando tornou a descer o Tietê. É verdade que mais tarde subiu novamente o rio, mas, na região que medeia entre Dois Córregos e Jaú, a tribo toda foi vitimada por uma epidemia. O capitão Antoninho voltou só para o Mato Grosso, onde faleceu pouco depois.

A fim de ter mais gente à sua disposição, o capitão Yvyrai enviou um homem ao rio Verde, a fim de chamar ainda mais companheiros de tribo. O convite teve entusiástica aceitação da parte do capitão Araguayraá (Honório), que, movido pelo avanço ilegal dos brasileiros pelo território indígena adentro, bem como pelas rixas com os Guaianá, já havia emigrado uma vez para o rio das Cinzas, onde, no entanto, permanecera pouco tempo.

Perto do sítio de José Ferreira, no curso inferior da Batalha, Araguayraá se encontrou com Yvyrai e com Frei Sabino. Desceram imediatamente o Batalha e o Tietê, em direção à barra do Dourados, onde Frei Sabino, mandou demarcar a colônia na margem direita do rio Dourados. Mandou que cada um dos chefes derrubasse com seus homens seis alqueires de mata virgem. Depois disso, plantar-se-ia cana e fabricar-se-ia aguardente, para que já haviam sido trazidos os necessários apetrechos. Quando a derrubada estava pela metade, Frei Sabino declarou ter necessidade de fazer uma viagem a São Paulo. Entre os índios haviam surgido febres malignas e, como houvesse falta de remédios, Frei Sabino prometeu trazê-los. Na qualidade de substituto seu e de administrador dos seus bens, deixou no Dourados o sertanejo Adãozinho, que, aliás, fizera o transporte dos objetos até aí.

Os que haviam permanecido no lugar ficaram esperando por muito tempo, mas Frei Sabino não voltou. Entrementes, as condições de saúde no Dourados iam piorando cada vez mais. A seza³² colhia uma vítima após outra, espalhando a morte, sobretudo, entre as crianças. Um filho e duas filhas de Yvyrai faleceram. Quando o número de mortos atingiu a 7, sem que houvesse chegado qualquer notícia de Frei Sabino, Adãozinho resolveu subir o rio até o sítio de José Ferreira, onde esperava obter informações seguras. Daí a poucos dias, regressou com a notícia de que não se precisava mais esperar por Frei Sabino. Constava que um vigário residente na outra margem do Tietê, na fazenda de um certo Antonio Sabino, apresentara a denúncia contra Frei Sabino à autoridade competente em São Paulo, declarando a empresa como falcaturia por meio de um documento assinado por seis testemunhas. Em virtude disso, o frade não teria mais recebido subsídio algum, não voltando mais para junto dos índios.

Adãozinho então abriu sem demora todos os caixotes e volumes, deu algumas miudezas aos índios, e conservou o restante a título de remuneração pelos seus trabalhos; embarcou esses objetos na grande canoa que aí havia e foi-se embora com eles. Os Guarani seguiram por terra, tão depressa como lhe permitiam os seus numerosos doentes; foi uma terrível retirada, pois no percurso relativamente pequeno entre a barra do Dourados e o sítio de José Ferreira morreram mais onze pessoas vitimadas pela sezão, entre eles quatro filhas, um irmão e um neto do Capitão Araguayraá. José Ferreira deu acolhida provisória aos índios, enviando Araguayraá à Fortaleza com ordem para fazer compras ao seu bando, que não possuía roupas nem ferramentas. Em Fortaleza, Araguayraá se encontrou fortuitamente com Frei Sabino, que lhe propôs acompanhá-lo à São Paulo, onde o índio declararia que de qualquer modo desejava a continuação da obra de Frei Sabino junto ao Dourados. No entanto Araguayraá não quis mais saber de coisa alguma e acusou o frade de culpado da morte dos 18 Guarani que a febre havia colhido no sertão.

O capitão Yvyrai³³ ficou morando com José Ferreira, ao passo que Araguayraá migrou com os seus homens para a região de São Paulo dos Agudos, onde pelo espaço de quase dois anos trabalhou para um fazendeiro, ao qual, no decorrer do tempo, teria ficado devendo a soma de 1.200\$000. Por fim, Ismael Marinho Falcão³⁴ resgatou a dívida dos índios, passando a trabalhar com eles durante uma série de anos na medição de fazendas na região do Batalha e, ocasionalmente, também mais longe, para os lados de Pederneiras e Avaré. Mais tarde, chegou ainda um grupo sob chefia do capitão Chico, mas este morreu pouco depois. Falcão comprou quatro alqueires de capoeira no curso superior do Jacutinga, bem como porcos para criação, entregando-os aos Guarani, que aí se estabeleceram; ia buscá-los sempre que deles precisava.

5 Os Guarani no rio feio 1895-1901

Por esse tempo, o sertanejo Adãozinho, partindo da povoação situada à margem do Estiva, na região das nascentes do Dourados, atravessara o Ribeirão Congonhas, passando pela divisa das águas e entrando no território do Rio Feio, onde descobriu o Ribeirão da Lontra. Falou dessa descoberta aos Guarani, enaltecendo a piscosidade do rio e a excelente caça das matas da região, e lembrando que aí os Guarani ainda poderiam receber do Governo terras como propriedade sua, ao passo que no Jacutinga moravam em chão estranho. Como, além disso, os Guarani sentissem sobremodo penosa a situação em que viviam, de serem chamados por Falcão em qualquer época do ano e sem consideração pelos seus próprios interesses, a fim de trabalharem durante meses seguidos, Araguayraá um belo dia se pôs a caminho do sertão com seus homens; depois de alguma procura infrutífera, encontrou de fato

o rio em apreço e começou imediatamente a abrir roça junto à foz de Lontra, no local a que hoje – devido à mania, de certas pessoas, de porem em tudo nomes guarani, embora não tenham a menor noção desse idioma – leva a tola denominação “Guaranyuva”³⁵. Foi aí que os Guarani passaram os seus dias mais felizes desde a saída de Mato Grosso até hoje. A caça e a pesca eram extraordinariamente rendosas, as plantações e, em especial, a criação de suínos davam bom resultado, e nas fazendas recém-fundadas no alto rio Feio ainda se pagavam na época salários relativamente altos.

Isto durou até que principiaram as incursões dos Coroados. De há muito tempo havia notícia da presença desses índios e sabia-se terem infligido em Agosto de 1887 sangrenta derrota na margem dos Pintos aos moradores dos Campos de Avanhandava, obrigando-os a abandonarem todo o lado esquerdo do Tietê. No rio Feio, porém, os seus vestígios eram raríssimos e, na maioria dos casos, datavam de vários anos, não havendo notícia de nenhum caso em que tivessem enfrentado os moradores com atitude hostil.

Mas uma ocasião em que os Guarani ousaram, numa caçada, descer até abaixo da embocadura do Jacaré, encontraram junto à barra de um riacho (Ribeirão dos Sete Ranchos, da Comissão Geográfica) sete cabanas recentes, nas quais ainda se encontravam alguns utensílios. Pouco tempo depois, numa excursão para sudoeste, Araguayraá chegou inopinadamente tão perto de uma aldeia que pôde ouvir o ruído do trabalho no pilão. Sem mais indagar, voltou imediatamente.

Todavia, ainda no mesmo ano os Coroados fizeram seu primeiro assalto. Os Guarani tinham aberto uma roça à margem do Lontra, bastante para o lado da nascente, onde construíram um rancho para pernoitar. Na primeira noite que aí passaram, os Coroados entraram na aldeia abandonada junto à foz do Lontra, saquearam os ranchos, incendiaram-nos e estragaram tudo o que não puderam levar. Logo a seguir deu-se o primeiro assalto à fazenda Acampamento, no qual os Coroados, com todos os sinais de feroz sede de vingança³⁶, trucidaram dois jovens na roça e destruíram uma casa (1898)³⁷.

Vendo o dano que se lhes fizera, os Guarani abandonaram o sítio de sua morada, dirigindo-se para o Coqueirão, onde naquele tempo morava um certo Vitor Manuel Ferreira, que mais tarde também foi rechaçado pelos Coroados, e quando os seus adversários surgiram igualmente por essas bandas, migraram para as proximidades de Bauru.

Entrementes, os valentões do rio Feio se ajuntaram com o possível intuito de empreenderem uma excursão punitiva. Pessoas que ou não conheciam os Guarani ou lhes queriam mal, tendo à sua frente Adãozinho, levantaram, como de costume, a acusação de que os Guarani de certo modo teriam traído os brasileiros perante os Coroados e exigiram, sob ameaças, a sua participação na dada³⁸ que se planejava. Araguayraá, em cujo espírito talvez tivesse

acordado o antigo ódio contra os Avavaí, bem como a recordação do pai por eles raptado e o avô por eles trucidado³⁹, participou da expedição, juntamente com mais três homens da tribo.

Partindo da fazenda Acampamento, foram para oeste, dobrando depois para o sul, e surpreendendo pequeno acampamento dos Coroados, onde mataram a tiros um velho casal e um jovem índio e prenderam vivo um rapaz. Os bugreiros regressaram triunfantes, trazendo na ponta de uma vara os órgãos sexuais do velho Coroado.

Daí a pouco tempo, os sertanistas que acompanhavam o engenheiro Sílvio S. Martin em sua viagem fluvial exterminaram até o último homem em outro grande acampamento dos Coroados pouco acima do lugar agora chamado Quinze de Novembro. Dessa como de três outras excursões que se seguiram aos assaltos do Dourado, do Sucuri e do Congonhas, participaram os Guarani, tendo-se destacado principalmente o Guarani Tangarajú (Antônio Roque dos Santos)⁴⁰, natural das proximidades de Conceição de Itanhaém.

Quando os Guarani estavam acampados perto de Bauru, veio ter com eles o Padre Claro Monteiro Homem de Melo que os persuadiu a voltarem ao Rio Feio. Levou Araguayraá consigo à São Paulo, conseguindo que lhe fosse conferida a patente de capitão e declarado propriedade dos Guarani o território dos ribeiros Lontra e Curuçuhy (Água Branca). Depois disso, voltou à “Guaranyuva”, com ótima equipagem e uma porção de objetos de permuta, fonógrafo etc., alcançando com promessas – ao capitão prometeu 1.500\$000, aos outros menos – e ameaças que Araguayraá com cinco homens da tribo (Avajogueraá⁴¹, Tangarajú⁴², Ponõchi⁴³ e Tavyá⁴⁴) o acompanhassem na viagem fluvial que emprendia no intuito de catequisar os Coroados. Além dos nomeados, participaram um caboclo (Salvador “Pintado”⁴⁵), a mulher deste, uma Guarani (Ciniana⁴⁶) e um menino (Eijú⁴⁷), dez pessoas ao todo.

Antes da partida, o Padre Claro forçou Araguayraá – mediante a ameaça de entregá-lo com toda a tribo à cadeia de Agudos – a dar o seu consentimento para que ele se casasse com a filha do capitão, Niapery^{48,49}, união contra a qual Araguayraá no fundo não tinha objeção a fazer, mas que desejava ver adiada até a volta.

Com toda solenidade, o Padre Claro se casou a si próprio com a filha do chefe guarani⁵⁰, e em seguida partiu com seus homens em duas canoas. Só excepcionalmente o padre entregava armas aos seus companheiros, porque receava que lhe estragassem a missão, atirando contra os coroados em momento importuno.

Já abaixo da embocadura do Ivinhema se tornaram visíveis os vestígios dos Coroados, que rodeavam a expedição. Os Guarani negaram-se a seguir adiante, exigindo a uma voz que se iniciasse a retirada. O Padre Claro declarou que neste caso seguiria sozinho. Afinal os Guarani se deixaram persuadir

mais uma vez, com exceção do velho Ponõchi, que persistiu em sua negativa, voltando à aldeia sozinho e a pé, embora a distância equivalesse a dia e meio de viagem e o padre não lhe cedesse arma alguma, nem sequer uma faca.

Os outros continuaram a jornada, ninguém sabe por quanto tempo. Dos Coroados encontraram-se pegadas, mas nenhum deles se deixou ver. Finalmente, quando os mantimentos começaram a escassear, mais uma vez os Guarani exigiram que se voltasse. Como precisamente nesse ponto houvesse um caminho de índios que dava no rio, o padre o seguiu em companhia de Araguayraá para explorar o terreno. Depois de pouco tempo, porém, Araguayraá se negou a seguir adiante e voltou, ao passo que o Padre Claro prosseguiu sozinho, colocando sobre o caminho presentes para os Coroados. Quando afinal regressou, ao anoitecer, esses objetos já não se encontravam aí. Alta noite chegou ao lugar em que se achavam as canoas, declarando haver estado numa elevação, de onde vira que, daí a um dia de viagem, o rio Feio desemboca num rio maior.

Isto induziu mais uma vez os Guarani a avançarem, mas como à noite do dia seguinte não tivessem alcançado a embocadura⁵¹, o próprio Padre Claro resolveu regressar. Mandou fincar um mourão à beira do rio, muniu-o de uma inscrição e na madrugada seguinte iniciou com os companheiros a viagem para montante.

Ao meio-dia desse mesmo dia, quando passavam por uma volta do rio, surgiu repentinamente no barranco da margem direita um grupo de Coroados, despejando uma rajada de flechas sobre a primeira das canoas, na qual se encontravam o Padre Claro, Araguayraá e Avajogueraá. O Padre Claro, que no momento da agressão dormia deitado no fundo da canoa, descarregou a espingarda, mas logo a seguir caiu varado de flechas. Avajogueraá, embora já ferido por uma flechada no ombro, ainda disparou a sua garrucha de dois canos e depois pulou no rio. Após alcançar a outra margem, atingiu-o uma segunda flecha na região lombar. Araguayraá, que por sua vez pulara logo no rio, mergulhando na água, recebeu ao chegar à margem, uma flechada nas costas. Conseguiu ainda subir o barranco, por onde no momento passava correndo Eijú; pediu a este que arrancasse a ponta da flecha, que saíra no peito. Feito isso, o capitão ainda tentou falar, mas o sangue lhe jorrou pela boca e pelo nariz: fez a Eijú um sinal com a mão para fugir e morreu. Os que se encontravam na segunda canoa, abandonaram-na logo que se deu o ataque contra a primeira, nadando para a margem oposta. Aí Rapá arrancou penosamente, com os dentes, a ponta da flecha cravada no osso de quadril de Avajogueraá. O ferido era incapaz de andar, pelo que os outros o quiseram arrastar consigo; o transporte, porém lhe causava dores tais que ele suplicou que o deixassem aí mesmo. Ficou, pois, para trás e naturalmente nunca mais tornou a parecer⁵².

Sem armas – apenas Rapá tinha uma faca com feitio de punhal –, sem mantimentos, sem fogo, duramente perseguidos pelos Coroados, os Guarani

foram fugindo rio acima pelas matas e pelos pântanos. Uma vez lograram escapar dos perseguidores somente porque dividiram as pegadas e, mudando de rumo, cruzaram o rio Feio. Daí por diante marcharam em dois grupos separados. Tavyá, Rapá e Eijú alcançaram a aldeia do Lontra depois de quatro dias, e Tangarajú, Salvador “Pintado” e a mulher deste somente depois de seis. Salvador não tivera resistência suficiente para acompanhar a fuga dos Guarani – na última parte do trajeto, a sua mulher índia⁵³, tivera de carregá-lo nas costas.

Igualmente Eijú, que na ocasião mal tinha 13 anos de idade, contou-me várias vezes que, tomado de desespero pela fome e pelo cansaço, pediu aos camaradas que o abandonassem. Mas Rapá não cedeu e tocou-o para frente à força de pancadas. Tangarajú esteve por longo tempo entre a vida e a morte em consequência das fadigas que sofreram, e Tavyá ficou cego de um dos olhos.

Quando se divulgou a notícia dos acontecimentos, todos os objetos de algum modo transportáveis foram levados a Bauru por soldados visto se afirmar em toda parte que os próprios Guarani teriam assassinado o Padre Claro, mentira idiota que ainda hoje em dia se costuma repetir e acreditar no sertão. Mais tarde, os insultos porque teriam abandonado covardemente o padre na hora do perigo e as suspeitas da parte dos parentes do padre, que exigiam dos Guarani a entrega de não sei quantos contos de réis, que se afirmara terem sido depositados em suas mãos e dos quais, segundo os Guarani, somente o administrador da Fazenda Faca talvez pudesse saber alguma coisa – eis as montanhas de ouro que Claro Monteiro prometera aos companheiros pelos seus serviços⁵⁴.

Os Coroados, por sua vez, tornaram a incendiar a aldeia do Lontra e destruíram também a nova roça. A uma árvore do terreiro ataram uma grande ponta de flecha tinta de sangue e ao lado, sobre dois ramos cortados, enfiaram os cartuchos detonados da garrucha de Avajogueraá. Foi o que encontraram os bugreiros que, auxiliados com dinheiro e armas pela municipalidade de Bauru, empreenderam pouco tempo depois uma expedição punitiva contra os coroados, que teve pleno êxito.

6 Os Guarani no Avari 1901-1906

Os Guarani não ficaram morando por muito tempo nas proximidades de Bauru, mas tornaram a concentrar-se junto à embocadura do Avari no Batalha, lugar em que anteriormente, antes de Falcão os estabelecer no Jacutinga, já haviam feito roça. Logo que possível, Avacaujú, o filho mais velho de Araguyraá, se preparou para uma viagem a São Paulo, a fim de aí conseguir a sua nomeação para o cargo de capitão. A essa altura – de modo algum consigo entender com que aparência de direito – uma porção de brasi-

leiros se imiscuiu subitamente nos negócios dos Guarani, declarando Avacaujú incompetente para esse posto. Avacaujú é moço direito, bom chefe de família e se acaso alguma vez se embriaga, procura retirar-se sem espalhafato. Em sua qualidade de capitão deveria, é certo, ter mais energia e mais interesse pelo bem-estar da comunidade; desfruta na tribo mais prestígio como médico-feiticeiro do que como capitão. Mas observando o candidato da oposição, vejo nitidamente que seus adversários não se preocupavam com as melhores qualidades de caráter. Todavia, graças ao auxílio dos amigos e de seu pai, hoje falecido, Avacaujú pôde reunir os meios necessários para ir a São Paulo. Foi nomeado capitão, regressando para o seio da tribo com a patente, o uniforme e os sarampos. A doença grassou terrivelmente entre as crianças guarani, mas também adultos faleceram. A situação da tribo teria sido desesperadora, se os Guarani não tivessem tido auxílio de Ismael Marinho Falcão, que lhes deu conselhos e medicamentos.

Mesmo depois de nomeado capitão, Avacaujú (José Francisco Honório) estava longe de se ver livre das intrigas dos adversários. Antes do mais, trataram de convencer a Tangarajú⁵⁵, homem ambicioso, mas um pouco velhaco, de que era ele que deveria caber o posto de Avacaujú. Com a maior facilidade, Tangarajú aceitou esse ponto de vista, portando-se de maneira correspondente, o que deu origem a desentendimento aberto entre ele e Avacaujú, em consequência do qual Tangarajú, levando consigo quase a metade da tribo, foi estabelecer-se a jusante, na margem oposta do Jacutinga, onde os Guarani ficaram inteiramente na dependência do fazendeiro José Soares. Mas também não quiseram que Avacaujú continuasse como capitão dos restantes⁵⁶.

Aqueles cidadãos, à sua frente um certo Francisco Pereira da Costa Ribeiro⁵⁷, o mais miserável patife que até hoje encontrei no sertão, reuniram-se e, armados, se colocaram diante do rancho de Avacaujú no Avari, exigindo categoricamente a entrega da patente de capitão. Avacaujú declarou que devolveria a patente somente em São Paulo, onde a recebera, e afinal, após muito falatório e barulho, os heróis se retiraram sem conseguir o seu intento.

Em compensação, nomearam outro capitão e - fato significativo - não Tangarajú, mas ao velho Curuçu (Manuel Fernandes), homem muito direito, mas sobremodo retraído, incapaz de dizer uma palavra em público e, muito menos, de dar alguma ordem ou instruções. Curuçu, que absolutamente não gosta de falar em circunstância alguma, calou-se também diante de seus "protetores". Estes falsificaram então uma patente de capitão, declarando haver sido, por solicitação deles, enviada de São Paulo para Curuçu, e convidando-o a ir à fazenda de José Soares, a fim de ser entregue solenemente. Mas eis que o velho revelou ter um respeito demasiado profundo de seu capitão legítimo, que recebera o posto por direito de sucessão; não aceitou a patente e continua ainda hoje como um dos mais fiéis adeptos de Avacaujú. Assim também esse golpe falhou.

Entretanto, é certo que o prestígio de Avacaujú sofreu bastante com essas maquinações. Os Guarani, que em outras circunstâncias se sujeitam cegamente a seu capitão, começaram agora a criticar as atitudes deste, e quase não havia quem não descobrisse que possuía, por sua vez, as qualidades indispensáveis para o posto⁵⁸; a par da obediência, desapareceu também a unidade, de sorte que a decadência se foi manifestando em ritmo crescente. Já não se realizavam as antigas caçadas e trabalhos de lavoura coletivos, que se costumavam empreender sob a chefia do capitão, e cujo produto se distribuía equitativamente entre todos, nem tão pouco se faziam mais, nas povoações, as jornadas e compras em comum, cada qual trabalhava e vadiava como bem entendia e, dessa maneira, quase todos ficaram muito endividados. Quando depois a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil veio se aproximando do Batalha, o sítio junto ao Avari se tornou insustentável por causa das constantes importunações da parte dos trabalhadores da estrada, que praticavam impunemente as mais grosseiras arbitrariedades, tentando várias vezes violentar mulheres guarani. Como, além disso, os Guarani sofressem bastante com os brasileiros, que iam apertando cada vez mais o cerco em torno deles, Avacaujú resolveu abandonar a aldeia do Avari. Numa excursão de reconhecimento, empreendida a cavalo ao rio Feio em maio de 1906, quase caímos (Ponõchi e eu) nas mãos dos Coroados, verificando assim que a terra dos Guarani à margem do Lontra ainda não era habitável para nós. Outra excursão, ao rio das Cinzas, não trouxe tampouco resultado favorável⁵⁹.

Ficou resolvida, por isso, a mudança para o Araribá, onde havia anos, alguns Guarani tinham adquirido terras de Falcão. De bom grado, Falcão permitiu também aos outros Guarani que morassem e plantassem lá, e, a pedido do capitão, até confirmou a licença por escrito. Em virtude disso, os Guarani, em junho de 1906, venderam a um brasileiro, pela quantia de 150\$000, as suas benfeitorias no Avari.

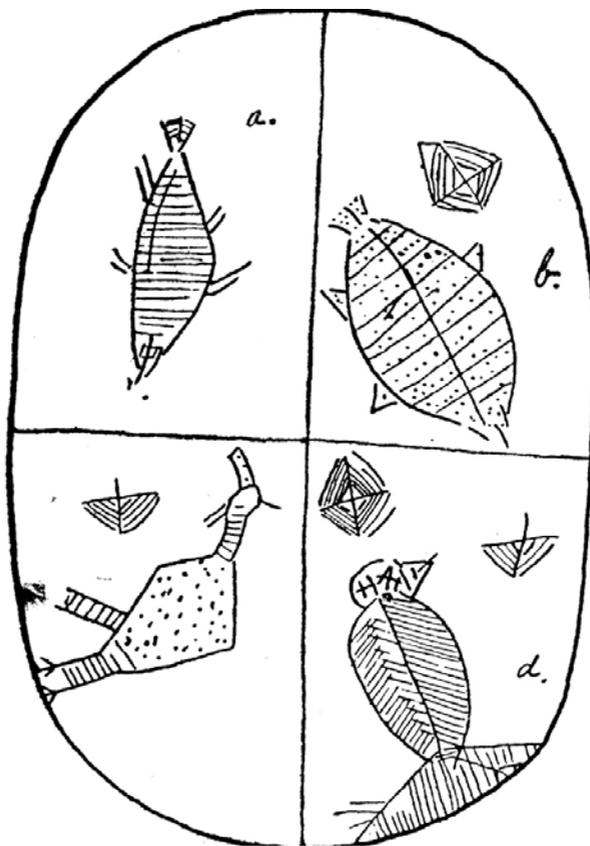
7 Os Guarani no Araribá desde 1906

Em 11 de junho os primeiros Guarani mudaram para o Araribá, mas no primeiro tempo quase não chegaram a abrir roça, porque logo no princípio sofreram muito com a maleita. Todavia, conseguiram derrubar algum mato pelo fim da estação, mas pouco antes de queimar a roça foram expulsos pelo Coronel José Ferreira Figueiredo, que declarou ser falso o título de posse de Falcão, ameaçando os Guarani de assalto pelos seus capangas e de incêndio dos ranchos, caso não abandonassem imediatamente a região do Araribá. Os Guarani se dispersaram em todos os sentidos, localizando-se em diferentes pontos do Batalha, onde a maioria deles caiu nas mãos do mencionado Francisco P. da Costa Ribeiro, que os explorou e violentou da maneira mais revoltante. A somente 8 famílias pude persuadir, pouco a pouco, a voltarem ao Araribá, para

queimarem e plantarem a roça. A sezaõ e a maleita tornaram a colher as suas vítimas entre as crianças, males que a em maio de 1907 veio juntar-se ainda a disenteria. Assim, a aldeia do Araribá ficou reduzida finalmente a 8 homens, 10 mulheres, 10 crianças. Na outra margem do Batalha estão espalhadas ainda 5 famílias (5 homens, 5 mulheres, 12 crianças) e abaixo do Jacutinga moram mais 5 famílias (5 homens, 5 mulheres, 7 crianças). O total dos Guarani no sertão de Bauru soma, pois, 67 indivíduos (18 homens, 20 mulheres, 29 crianças)⁶⁰.

Vila Leopoldina, 2 de dezembro de 1908

Curt Unkel



Desenhos representando: a. Dourado (Piraju); b. Pacu e borboleta; c. Ema; d. Martim-pescador.



Bosquejo de objetos de culto religioso.

II Acontecimentos Vários

1

A aldeia da barra do Avaí⁶¹ estava quase abandonada. Em companhia das mulheres e crianças, os Guarani haviam ido a Bauru, a fim de trabalharem, numa medição de terras, para o Dr. Ismael Marinho Falcão. Na aldeia encontravam-se apenas o Caioá semi bravio Uembe⁶² com sua família, e a mulher e filha do médico-feiticeiro José Pedro, que andavam adoentados de febre. Ademais morava além do Batalha o velho Ponõchi (João “Caçador”) com sua numerosa família.

Pouco antes do pôr do sol apareceram de repente na aldeia dois negros, camaradas do fazendeiro Francisco Pereira da Costa Ribeiro. Vinham armados até os dentes e um pouco tocados, encaminhado-se diretamente ao rancho de José Pedro. Logo a mulher de José Pedro viu os indivíduos suspeitos aproximaram-se por entre os arbustos, ela abriu, tirando algumas varas, a parede posterior do rancho e fugiu para o interior da floresta seguida dos gritos furiosos dos negros, cujo golpe falhara. Naturalmente voltaram então a sua raiva contra a cabana, destruindo o mais que podiam. José Pedro, na qualidade de médico-feiticeiro, possuía enorme cruz junto a uma das paredes do rancho, e à direita e à esquerda dela, sobre suporte de madeira duas vasilhas singulares, em forma de funil e de barro vermelho, nas quais costumavam guardar o diadema de penas (*acanguaa*), as enfiadas peitorais (*jaça*) e outros adornos para danças. Os pretos derrubaram a cruz e os suportes, quebraram os vasos e cortaram os enfeites de penas com o facão. Ademais despejaram um saco de farinha de milho e outro de feijão, espalhando o conteúdo pelo chão, e demolindo o jirau sobre o qual havia encontrado esses sacos.

Em seguida, foram ao rancho de Uembe e, como o encontrassem igualmente abandonado começaram também aí a sua ação destruidora.

Uembe vendo o que os pretos faziam no rancho de José Pedro, se apresara em esconder no mato a mulher e os filhos e correrá à morada de Ponõchi, a fim de pedir socorro.

Os dois índios voltaram no momento em que os pretos estavam terminando suas ações no rancho de Uembe. Quando os primeiros se aproximaram, um dos pretos saiu para o terreiro, para ver quem é que vinha, mas não teve muito tempo para isso, pois o velho Ponõchi o derrubou com hábil “capoeira” e imediatamente Uembe se lançou sobre ele, amarrando-o com embira. Ouvindo o barulho, o segundo também quis sair, mas logo a porta se viu atacado por Ponõchi, que tornou a empurrá-lo para o interior do rancho, vencendo-o após breve luta, e amarrando-o por sua vez. Feito isso, os índios arrastaram os dois presos até uma peroba caída, à qual os ataram em posição

recurvada e altamente incomoda. Entrementes, também as mulheres e crianças haviam aparecido e quando a mulher de Uembe interrompeu em lamentações ao ver a destruição no interior de seu rancho, o Caioá foi tomando de tal raiva que arrancou da palha do telhado o arco e a flecha apontando para um dos prisioneiros. Mas Ponõchi lhe segurou os braços evitando o derramamento de sangue. Depois dessa cena, os presos, que primeiro haviam esbravejado de modo assustador, ameaçando liquidar toda a canalha de bugres se não fossem soltos imediatamente tomaram atitude mais mansa e após o cair da noite, que veio acompanhada de sensível friagem, começaram a pedir que o soltassem. Por tudo que lhes era sagrado juraram considerar-se culpados e que nunca mais entrariam na aldeia; afirmaram ter chegado inteiramente embriagados sem saber o que faziam – e assim por diante. De madrugada Ponõchi então o soltou, mas levou logo as suas armas a Vitor Manuel Ferreira, que morava junto à Ponte do Batalha, exercendo, nessa época, as funções de inspetor de quartirão.

Voltando à fazenda, os dois pretos tiraram vantagem do fato de se encontrarem aí alguns soldados de Bauru, que acabavam de voltar do sertão, onde haviam procurado algum malandro, sem contudo encontrá-lo. Para não voltarem de mãos vazias foram à casa de Ponõchi, prenderam-no e levaram-no à Bauru, sob a acusação de ter roubado as armas de dois brasileiros.

2

Diante do rancho de Uembe, que entre os brasileiros eram conhecidos como “Manuel Bobo” por causa de seus estúpidos modos bravios, apresentou-se Francisco da Costa Ribeiro, vulgo Chico Mestre⁶³, entregando uma porção de presentes, como já o fizera várias vezes. Era porque Uembe tinha uma filha, Maria Tacoapanã, de uns treze anos de idade. Depois que tivera oportunidade de ver bem essa menina, Chico Mestre foi tomado de singular afeição por “Manuel Bobo”, de que se fazia tanta troça, e esforçou-se por familiarizá-lo com os mais indispensáveis elementos fundamentais de nossa civilização. A esse Caioá semi bravio, que acabava de chegar do Mato Grosso e que não era capaz de contar até 5 sem olhar para seus dedos, fazia presente de uma porção de bugigangas inúteis, e não se esquecia naturalmente de Tacoapanã. Ao pai dava às vezes cachaça em maior quantidade do que este podia suportar. Entre outras coisas presenteou-o também com uma espingarda de caça. Apesar de tudo isso, Uembe se mostrava bastante insensível e a questão começou a tomar outro rumo somente depois de Chico Mestre conseguir que o Caioá fosse morar com ele na fazenda.

Foi aí que durante um mutirão Chico Mestre procurou apoderar-se da menina, mas esta gritou, o Capitão Avacaujú interveio e, embora Chico Mestre,

armado de garrucha, o fizesse recuar, a tentativa tinha falhado por essa vez. E Uembe induzido pelos outros índios declarou que não entregaria a filha a Chico Mestre e tornou a mudar-se para a aldeia.

Chico Mestre pôs-se a procurar outros caminhos para alcançar seu objetivo. Como é casado e pai de três ou quatro filhos mandou a família toda à casa dos sogros na proximidade de São Paulo dos Agudos e declarou aos índios que se tinha divorciado com o fim de casar com a filha de Uembe. Como isso também não desse resultado, tornou-se rabugento, declarando que poria na conta de Uembe todos os presentes que lhes fizera no decorrer do tempo e que cobraria a dívida sem a menor consideração. Uembe então se transferiu novamente para a fazenda⁶⁴ e Chico Mestre tomou Tacoapanã para sua companheira.

Mas não tinha ainda passado uma semana quando Tacoapanã fugiu da fazenda em estado lamentável, aparecendo certa noite, em companhia das pessoas da família e de algumas velhas mulheres guarani, no rancho de Ponõchi onde por acaso eu me encontrava sozinho. Não sei quem, maldosamente, tinha aconselhado os índios a irem à Bauru para dar queixa; o certo é que, na madrugada seguinte, apesar dos meus insistentes conselhos em contrário, se puseram a caminho com Tacoapanã a fim de contarem a história ao delegado de Bauru.

Quando, porém, afinal chegaram à cidade, Chico Mestre, também já se encontrava aí e provou, com duas testemunhas, que havia mais de um ano que Tacoapanã se prostituía. Com o ar puro de anjo celeste Chico Mestre saiu da audiência e não havia naturalmente quem deixasse de falar mal dos sórdidos bugres que não têm vergonha sequer de vender os próprios filhos.

Aliás, Chico Mestre, depois de assim demonstrar aos Guarani que lutariam em vão pelo direito, que se decidira estar ao lado dele, tomou para com aqueles uma atitude de extraordinária generosidade. Deu ordens para que o jovem Guarani Jesuíno Galdino Eijú, sobrinho do capitão, que também trabalhava na fazenda, casasse Tacoapanã. O próprio Chico Mestre foi uma das testemunhas, quando Eijú e Tacoapanã se casaram no civil em Bauru. Não somente pagou as despesas da formalidade, mas, para festejar o acontecimento, comprou também, carne, cachaça e foguetes. Eijú não viveu um dia sequer em companhia da mulher que lhe fora imposta e faleceu no ano seguinte. Atualmente Tacoapanã é de fato prostituta, recebendo ainda, de vez em quando, a visita de Chico Mestre.

Uembe caiu inteiramente no desfavor de Chico Mestre. Quando deixei a aldeia, há ano e meio⁶⁵, ele não somente não tinha nada em seu miserável rancho, mais ainda devia a Chico Mestre 400\$000, depois de ter trabalhado na roça deste pelo espaço de três meses.

Na noite de 14 a 15 de Julho de 1906 toda a horda dos Guarani do Batalha estava reunida junto ao rancho de Ponõchi, de frente da barra do Avari. É verdade que nessa época o capitão Avacaujú já se havia transferido com sua gente para o Araribá, e somente Ponõchi permanecera nas imediações do antigo sítio. Naquele dia, porém, todos se reuniram mais uma vez na velha aldeia. É que o filho de Avacaujú, nascido havia uns 15 dias, ia ser batizado⁶⁶.

A noite era luarenta e fria. Em toda parte, no terreiro e na beira da mata, reluziam as pequenas fogueiras dos Guarani e em torno estavam deitados os vultos dos índios envoltos em cobertas e roupas; não se ouvia o menor ruído e somente de vez em quando surgia no raio luminoso da fogueira um rosto amarelado, soprando de olhos fechados na brasa, para avivar o fogo. Junto com Guyrapejú⁶⁷, rapaz de quinze anos de idade e filho mais velho do capitão, eu estava deitado ao lado da fogueira, sob o poncho, sentindo frio. Ponõchi e sua mulher, bem como o capitão e a mulher e o filho mais novo, estavam no rancho.

Por volta da meia-noite o médico-feiticeiro José Pedro⁶⁸ ergueu-se ao lado de sua fogueira no terreiro, sentou-se em posição adequada e começou a cantar com fervor, e precipitadamente acompanhado pelo canto e pelos golpes de *takuá* da mulher e da filha. Depois de algum tempo, pôs-se em pé, indo ter com Avacaujú no interior do rancho, onde nesse ínterim se acendera luminosa fogueira. Com ele entraram a mulher e filha e a estas seguiram-se aos poucos quase todas as mulheres e moças crescidas, mas nenhum homem e nenhuma criança. No rancho recomeçou o canto em coro, prologando-se por cerca de três horas. As melodias se tornavam cada vez mais singulares e monótonas, os vários cantos iam ficando cada vez mais curtos e repetiam-se mais depressa. José Pedro e seus acompanhantes não cantavam nenhuma das melodias empregadas com tanta frequência em outras oportunidades; todas pareciam ser específicas para o caso. Um dos cantos se distinguia por ser interrompido várias vezes por curta gargalhada a modo de arrulho e a meia-voz.

De repente, ouvi alguém chamar a Guyrapejú e a mim. Levantamo-nos depressa, entramos no rancho e colocamo-nos ao lado da entrada, à espera do que iria acontecer.

No centro do rancho, José Pedro estava sentado no chão e diante dele Ponõchi e a mulher deste. Ela segurava no braço o pequeno, que dormia tranquilo, ao passo que ele tinha uma cuia com água, na qual havia entrecasca de cedro. No bordo externo da cuia estava colada, de um e de outro lado, uma velinha de cera de abelha. Mulheres e moças estavam sentadas juntas as paredes, segurando os *takuá*. De um dos lados do médico-feiticeiro estava acorçada a mãe da criança, o rosto meio virado para o lado, e chorando amargamente, e do outro

estava a sua mulher e filha. Avacaujú semivestido, jazia na rede, a um canto do rancho, perto de uma fogueira quase apagada, e não se incomodava com nada. Durante os cantos, que não se interrompiam, José Pedro se comportava de modo extremamente singular. Inclina-se para frente, abaixava a cabeça e com ambas as mãos esfregava apressadamente o peito nu; a seguir, erguia o tronco e com as mãos faziam movimentos como se quisesse tirar alguma coisa de suas costas e passá-la por sobre a cabeça, mais ou menos como que despindo a camisa. Depois disso levantava as mãos bem alto em cima da cabeça, sacudindo-as uma contra a outra, e passando-as em seguida pelo ar por sobre a criança, à maneira de um hipnotizador. Daí algum tempo parecia recolher cuidadosamente com ambas as mãos qualquer coisa invisível que encontrasse sobre a cuia, para depois estendê-la sobre a criança. Por fim molhou com a água da cuia as palmas das mãos e com as pontas dos dedos umedeceu o vértice da cabeça e o peito da criança. Depois disso, Ponõchi se levantou, indo ao canto colocar a cuia numa forquilha de três pontas envolta de traçado de guaimbé; a esposa entregou a criança à mãe e ambos então se retiraram do centro do rancho. A esta altura, José Pedro se levantou também, pondo-se em pé diante da cuia colocada na forquilha. Em posição pouco inclinada bateu no chão alguns compassos com o pé, depois endireitou o corpo, levantou os braços sobre a cabeça e deu alguns pulos, mais ou menos como se estivesse dançando czardas⁶⁹ e a seguir afastou-se por sua vez, para o lado. O canto e a música de *takuá* foram interrompidos e houve uma pausa. E em tudo o que se passara eu não tinha percebido o momento em que o médico-feiticeiro, depois de muitos esforços, descobre afinal o nome da criança, cochichando-o ao ouvido dos padrinhos. Segundo a opinião dos Guarani, o novo nome de um ser humano deve ser descoberto pelo médico-feiticeiro por meio de inspiração, não podendo nunca ser objeto de escolha. Acham simplesmente ridículo que o padre na igreja indague, antes do batismo, qual o nome que deverá por na criança. Ora, se nem isto ele sabe!

Pela porta do rancho, olhei para Cruzeiro do Sul e vi que dentro em pouco começaria a clarear o dia. Fazia um frio de rachar.

Avacaujú levantou-se da rede e mandou pôr junto à parede um banquinho baixo que mal tinha 5 cm de altura. Em seguida, trocou em voz baixa algumas palavras com Ponõchi, que depressa se aproximou de mim e apontando para o banquinho me disse em guarani: “Vem sentar-te aqui”. Tirei o poncho e obedeci. Ponõchi tornou a tirar a cuia da forquilha e com ela se pôs à minha direita, enquanto a mulher dele ficou a meu lado esquerdo. Após pequena pausa, Avacaujú se colocou diante de mim, principiando a cantar, acompanhado de mulheres e moças. A cena decorreu de modo análogo a anterior, com a diferença de que as melodias de Avacaujú não eram como as de José Pedro e os seus gestos menos nervosos. Mas nem por isso deixou de despender grandes esforços, como se via nitidamente pela expressão angustiada, atormentada e excitada de seus olhos estreitos. Finalmente pôs a mão na cuia

Em sua interminável repetição, essa melodia era idêntica aos cacarejos de uma galinha que acaba de pôr um ovo.

Ainda na mesma noite alguns se digiram ao rancho de Curuçu, e pela manhã já estava reunida aí toda a aldeia, ouvindo a narração do sonho e escutando o canto. Tacoarembypy se mostrava incansável. Passou a maior parte do dia sentada junto à parede e cantando. À noite, Curuçu veio ter conosco, convidando-nos a pernoitar em seu rancho, para que ouvíssemos melhor o canto da esposa. Sem dúvida, sentia-se feliz com a transformação que tão subitamente se passara em sua mulher. Infelizmente eu não pude acompanhar os outros, porque nessa noite estava com um acesso de febre. Na madrugada seguinte fui a cavalo ao Jacutinga e, passando pelo rancho de Curuçu, apeei para entrar um momento. Tacoarembypy estava ainda sentada junto à parede. A cabeça inclinada para o lado, os olhos fechados e os braços caídos, cantava com voz singular e insegura a sua estrofe! Como fiquei ausente durante dois dias, não posso dizer ao certo por quanto tempo continuou sentada aí.

Há Guarani que cantam uma única melodia, outros cantam várias. Nunca, porém, ouvi alguém cantar outra coisa senão as suas próprias inspirações. As melodias assemelham-se de modo característico, a um sinal de sereia, principiando uma nota alta, percorrendo a escala com alguns saltos e repetições, e descansando depois demoradamente sobre uma ou duas notas baixas. Quero mencionar que os Guarani diante dos quais cantei a melodia de uma dança de lobo dos Blackfeet de Montana⁷¹, imediatamente a reconheceram como “*nianderu porai*”⁷².

Motivos para se cantar são os seguintes acontecimentos: partida para a viagem ou outra empresa de importância, maus presságios, maus sonhos, doenças, nascimento, batismo, festa de *nimongarai*, óbito.

Nestes casos canta, de ordinário, o próprio Guarani a que se liga o acontecimento; todavia o batismo e a direção da festa *nimongarai* são atribuições exclusivas de certos indivíduos, que não são os médico-feiticeiros propriamente ditos. Em nosso bando havia dois deles. Geralmente eram chamados também em casos de doença grave, óbito ou nascimento, e em tempos antigos uma vez ou outra até por brasileiros. Somente estes médico-feiticeiros propriamente ditos usam o *mbaracá* para acompanhar o seu canto, enquanto a mulher, sentada no chão, canta o soprano, marcando o compasso com pancadas de *takuá*.

Quando Avacaujú era chamado para atender a um doente, saía de casa à meia-noite em companhia da mulher. (Os cantos se fazem ouvir sempre entre a meia-noite e a madrugada). Chegando ao rancho em que jazia o doente, Avacaujú pedia água para lavar as mãos, e de ordinário, mandava também apagar o fogo e tirar a camisa do enfermo. A mulher, com o *takuá*, sentava-se em qualquer canto, ao passo que ele próprio, munido de *mbaracá*, se colocava diante do paciente, principiando a cantar. De início, fazia ouvir

algumas notas estiradas, murmuradas com fraca voz, e depois de pequena pausa, ia continuando até, aos poucos, entrar em uma de suas melodias; então acompanhava o canto com o *mbaracá*, encolhia o pescoço, dobrava um pouco o joelho ao compasso, ou ia batendo no chão com um dos pés, enquanto a mulher se punha a acompanhar o canto na terceira⁷³ e a marcar o compasso no chão com o *takuá*. Sem interrupção, continuavam a mesma melodia por uns quinze minutos, pelo menos; a esta altura, paravam um pouco para, a seguir, iniciarem outra. Depois de se prolongarem esses cantos por cerca de hora e meia ou duas horas, o médico-feiticeiro começava a ficar "*ipochy*"⁷⁴ (bravo), como dizem os Guarani, isto é, entrava em êxtase. Gritava cada vez mais alto e com crescente excitação, enquanto as pateadas se transformavam em verdadeiros pulos; furiosamente, no compasso do canto, avançava com o *mbaracá* em direção ao enfermo, enquanto o seu rosto tomava sempre peculiar expressão de medo e de sofrimento. Via-se bem o esforço que fazia. De repente pendurava o *mbaracá* na parede e interrompia o canto, ao passo que a mulher o continuava e ele próprio tirava simplesmente a moléstia do doente. A enfermidade deve ser qualquer coisa como um invólucro muito fino, que rasga facilmente e que o médico-feiticeiro, começando na cabeça, ia recolhendo aos poucos e muito cuidadosamente, pondo-o de lado, sem tocar no corpo do enfermo. Em seguida, passava algumas vezes sobre ele com as mãos, como que para tirar o último vestígio, batia palmas, aspirava-o hálito na concha formada pelas mãos e despejava-o cuidadosamente sobre todo o corpo do doente. Executava todas essas manipulações como se de fato tivesse substancia palpáveis na mão.

Após isso, recomeçava o canto, tornava a ficar "*ipochy*" e a historia toda se repetia mais uma ou duas vezes. Ao raiar do dia, ou poucos antes, a cerimônia chegava ao fim.

É claro que não se deve, por ventura, encarar o processo como oração em benefício do paciente, que o médico-feiticeiro dirija a um ente divino. Todo ser vivo, e creio mesmo que também todo ser inanimado, tem sua força mágica, e o problema é apenas o de desprender essa força e, eventualmente, de intensificá-la, a fim de fazê-la agir diretamente sobre outras. O meio empregado é o canto medicinal e se o cantor está "*ipochy*" é que sua força mágica se tornou livre, podendo agir sobre o doente. Essa explicação parece encontrar apoio também em outro fato: depois de entrar em êxtase, o médico-feiticeiro, que a princípio canta sem articular palavras, deixa escapar às vezes uma ou outra palavra como que murmurada. Nos poucos casos em que eu conseguia entender uma dessas palavras, era sempre ou um nome de pessoa ou o nome de um lugar sem a menor relação com o caso em apreço. Evidentemente, o médico-feiticeiro se lembrava, durante o canto, de seus feitos anteriores, intensificado com essa recordação a sua força mágica.

Uma vez ou outra, nos intervalos entre os cantos, o médico-feiticeiro murmurava também algumas mais compridas, enquanto inspirava o ar moído característico em lugar de expirá-lo, razão pela qual não foi possível em nenhum destes casos, entender uma palavra sequer. Não obstante, eu cumpria meu dever, respondendo em coro juntamente com os outros, que estavam sentados em torno, “*Taíngnáme!*”, o que significa “certamente” ou “amém”.

No batismo e no *nimongarai* o médico-feiticeiro usa um diadema de plumas, tendo no centro um topete vermelho de pica-pau e sobre a testa as penas caudais da tesoura. Nessas ocasiões acompanham-no todas as cantoras, batendo os *takuás*. Levam geralmente no rosto, como o próprio médico-feiticeiro, uma pintura vermelha e no peito enfiada de semente de mau (*yvaũ*), o colar (*joaça*), com borlas de penas de tucano.

IV Mitologia e crenças religiosas⁷⁵

1 Nianderequey⁷⁶ e Chyvyi

Naquele tempo o mundo era como ainda hoje é o céu; bastava alguém plantar hoje, para amanhã colher milho verde.

Era uma mulher que tinha três homens e que fazia os serviços domésticos para os três. Depois de algum tempo, dois dos homens foram embora e não voltaram mais. E a mulher então ficou vivendo com um só; este era Nianderu⁷⁷. Aí ela ficou grávida de gêmeos.

Certa vez, Nianderu voltou da roça para casa e disse: “Ontem plantei milho, vá buscar algumas espigas verdes para mim”. A mulher replicou: “Como é que posso buscar milho verde hoje, se foi plantado ontem somente”? Aí Nianderu saiu do rancho e não voltou mais; e, chegando a uma encruzilhada, fechou atrás de si o caminho por onde viera, ficando no chão algumas penas de arara.

Afinal, porém, a mulher se dirigiu à roça, e vendo que de fato já havia milho verde, foi à procura de Nianderu. Chegando à encruzilhada, bateu com a mão no ventre e perguntou: “Meu filho, qual é o caminho que seu pai seguiu”? “Foi por ali”, respondeu o filho. Aí a mulher tomou o caminho indicado. De repente a criança falou: “Mãe, apanhe para mim a flor bonita que está aí a beira do caminho!” E a mulher obedeceu. Daí a pouco, a criança, tornou a falar: “Mãe, apanhe para mim a flor bonita que está ali a beira do caminho!”. A mulher obedeceu, mas em cima da flor havia uma vespa, que deu uma ferroadada na mão da mulher. Aí ela ficou com raiva e falou: “Meu filho como é que você quer essas flores, se nem mesmo nasceu ainda”? Aí a mulher chegou à outra encruzilhada e tornou a bater no ventre, perguntando: “Meu

filho, em que direção é que foi o seu pai”? “Por ali”, respondeu a criança. A mulher tomou esse rumo, mas era o caminho errado, que ia dar diretamente no lugar em que estava Jaguá. Jaguá assaltou-a, despedaçou-a e comeu-lhe a carne, mas levou para casa os gêmeos, a fim de prepará-los de modo especial. Em casa, primeiro quis assá-los, mas toda vês que lhe queria enfiar o espeto no ânus, a ponta se quebrava. Então Jaguá resolveu cozinhá-los e aqueceu água, mas esta logo esfriou que nela jogou os gêmeos. Em seguida, tentou amassá-los no pilão para transformá-los em paçoca, mas escapavam para o lado toda vez que descia a mão de pilão. Aí, finalmente, Jaguá desistiu de seu intento e resolveu criá-los. Deitou-os numa cuia, que pôs do lado do fogo, e chamou o gambá Mbycu, para amamentar os gêmeos. “Como é que eu poderia fazer isso, disse o Mbycu, se eu tenho uma catinga tão forte”? Afinal, porém, foi ao rio lavou as tetas e em seguida amamentou os gêmeos. Em recompensa, estes lhes conferiram mais tarde a faculdade de parir os filhotes sem sofrer dor alguma, ao contrário dos outros animais, que tem que padecer com isso.

Nianderequey cedo se tornou grande e esperto, mas Chyvyi ficou pequeno e não parava de chorar e de reclamar pela mãe. Jaguá deixou-os então brincar no terreiro, mas amarrou-os ao poste de sua casa por meio de um longo barbante preso aos pés deles. Mais tarde, fez arcos e flechas para eles, e mandou que fossem caçar passarinhos. Disse-lhes, porém: “Vocês não devem ir nunca por esse caminho ali; vocês devem caçar nesse e naquele ponto”. Os gêmeos obedeceram e de cada vez trouxeram à onça uma porção de passarinhos.

Uma vez, porém, tomaram o caminho proibido e logo no princípio viram um jacu. Nianderequey aproximou-se de mansinho e atirou uma flecha que atingiu o jacu no pescoço. Caiu no chão e disse a Nianderequey. “Va ao papagaio; ele lhe contará uma história”. Não disse mais nada, pois o jacu não pode falar muito, a sua voz é como a de gente papuda. Nianderequey curou a ferida da goela do jacu, mas a mancha nua e vermelha perdura ainda hoje. Depois seguiu adiante e de fato não tardou a avistar o papagaio, que pousava no galho. Esse começou a falar logo, pois é um grande falador, mesmo hoje em dia: “Por que você mata a nós aves, para levar-nos a Jaguá como comida? Jaguá comeu a mãe de vocês; os ossos dela encontram-se ainda neste caminho, e foi por isso que ele os proibiu de vir aqui”. Aí os gêmeos foram adiante, e chegando ao lugar em que estavam espalhados os ossos da mãe, sentaram-se e desataram a chorar.

Aí Nianderequey recolheu os ossos, juntou-os e formou o corpo de terra. E quase o teria conseguido, se Chyvyi não tivesse ficado impaciente, lançando-se sobre ele para mamar, e destruindo assim todo o trabalho.

Segundo outro relato, Nianderequey completou a sua obra, fazendo a mãe voltar à vida, mas a impaciência do irmão o impediu de terminar um dos seios, razão pela qual ainda hoje são desiguais os seios das mulheres.

Aí os irmãos foram a um lugar em que havia muitas pitangas maduras. Sobre a água Nianderequey pôs uma pinguela, colocando-a de tal modo que da margem podia ser virada com facilidade. Enquanto isso Chyvyi estava sentado na margem, jogando na água folhas secas e pequenos galhos. As folhas se transformavam em peixes de toda espécie e os galhinhos em jacarés e sucuris.

Quando chegaram à casa trouxeram frutos para Jaguá e disseram que no mato havia muitos ainda. Aí Jaguá resolveu ir lá no dia seguinte e convidou também todos os parentes a comparecerem no lugar indicado. Os gêmeos, porém, estavam escondidos junto à pinguela e, quando chegou a primeira onça, Nianderequey, esperou até que ela estivesse no meio da pinguela; em seguida, gritou para Chyvyi: “Vire”! Chyvyi virou a pinguela, Jaguá caiu na água e foi devorado pelos animais aquáticos. O mesmo aconteceu com todas as outras onças que apareceram. Em último lugar, chegou a jaguatirica, que ainda pode observar como a predecessora foi derrubada na água. Aí ficou desconfiada, preferindo não pisar na pinguela. A jaguatirica estava grávida de dois filhotes; uma pintada e uma parda, e dessas três descendem todas as onças que ainda vivem hoje em dia.

Do capítulo seguinte não estou bem lembrado. Trata de um homem velho e muito grande, a custa do qual os gêmeos se divertem terrivelmente com auxílio de quatis criados por Nianderequey para este fim. Há duas narrativas que explicam como é que os gêmeos matam afinal o velho gigante:

Os gêmeos, depois de pintarem o rosto com urucu, foram ter com o gigante. Este os achou tão bonitos que ele se deixou persuadir pelos irmãos a submeter-se a uma operação com o fim de obter o mesmo adorno: os gêmeos lhe tiraram a pele dos respectivos lugares do rosto, esfregando um pó ardido nas feridas, de sorte que o gigante faleceu em consequência das dores.

Segundo a outra versão, o gigante costumava lavar diariamente os órgãos sexuais numa lagoa. Nianderequey espalhou um pó ardido na água e o gigante morreu com dores horríveis depois de ter feito a lavagem habitual.

O gigante tinha duas filhas, de cabeleira vigorosa e comprida, que os gêmeos tomaram como mulheres. Nianderequey realizou a defloração com auxílio de um pênis talhado de madeira. Chyvyi, que não teve a mesma cautela, ficou doente, e é por isso que ainda hoje há doenças venéreas. Depois os gêmeos puseram fogo à cabeleira comprida das duas e queimaram-nas.

Às vezes narravam-se ainda outros episódios, dos quais não estou lembrado. Quando me contaram pela primeira vez a história de Niarõa, o final era o seguinte. “Depois eles foram subir. E aquele um tomou contas do céu em cima e o outro do céu em baixo”. Mais tarde ouvi frequentemente a seguinte versão:

Os irmãos resolveram ir em procura do pai. Andaram, andaram, até chegarem ao primeiro céu, onde mora Nianderu. “Aqui vamos ficar” disse

Chyvyi, mas Nianderequey replicou: “Este talvez não seja o nosso pai”. Seguiram, pois o seu caminho, chegando a Cheruvuçu, no segundo céu. Aí ficou Chyvyi, mas Nianderequey foi adiante e como nunca voltou, deve estar certamente no terceiro céu. O nome do senhor do terceiro céu é, porém, quase desconhecido entre os Guarani. Ouvei pronunciá-lo uma única vez e não consigo lembrar dele (Cherumbacuái?)⁷⁸.

2 As manchas da lua

No princípio havia uma porção de moços e moças, que, entretanto, viviam separados e não se conheciam. E quando se resolveu que dormiriam juntos pela primeira vez, ficaram com medo. Depois de anoitecer, quando estava bem escuro, as meninas se deitaram no rancho, uma depois da outra, enquanto os homens ficaram fora, junto à fogueira, cantando e batendo o pé, para criarem coragem. Em seguida, entraram e no escuro cada um tomou uma companheira sem reconhecê-la.

Um dos homens, porém, tinha a curiosidade de saber quem era a sua companheira. Várias vezes lhe falou em voz baixa, perguntando pelo nome, mas ela não respondeu. Aí ele lambeu os próprios dedos, esfregou-os no chão e passou-os no rosto da menina.

Muito antes de clarear o dia os homens se levantaram, voltaram para junto da fogueira e falaram sobre as meninas, mas nenhum sabia com qual delas havia tido relações. Somente aquele afirmava que reconheceria a mulher dele, de vez que lhe marcara o rosto com terra úmida. Depois de amanhecer, todos viram que ele tinha marcado a própria irmã.

Irmão e irmã, Nianderu e Jacy andam pelo céu, mas Nianderu desaparece quando no lado oposto assoma o rosto manchado da irmã⁷⁹.

3 Niandejáry⁸⁰

Niandejáry era um grande feiticeiro. Os Judeus, porém, queriam matá-lo. Amarraram-no a um poste e fizeram tentativas de todo jeito. Niandejáry não morria, porque era um feiticeiro poderoso. Sua mãe Niandecy, estava ao lado e chorava.

Aí os Judeus trouxeram outro homem, que era cego. Deram-lhe uma lança na mão, dirigiam-na contra Niandejáry e quando a água espirrou, algumas gotas caíram sobre os olhos do cego, que assim recuperou imediatamente a vista, enquanto Niandejáry morreu. Mas depois de perceber a quem matara, o homem curado se enforcou.

A história não está bem completa. O narrador acrescentou a seguinte observação: “Esta história propriamente não é nossa, mas é também muito velha e nós sabemos que é verdadeira”.

A lenda provém, evidentemente, da época do domínio dos jesuítas paraguaios sobre os antepassados dos nossos Guarani.

Niandejáry significa “nosso senhor”, Niandecy “nossa mãe”⁸¹.

4 Crenças sobre a imortalidade

Após a morte, a parte boa da alma separa-se da parte ruim. A parte ruim fica na proximidade da habitação do defunto, incomodando às vezes de noite os sobreviventes com sua voz e aparição.

No Araribá, uma faixa de mata virgem que se conservava entre a roça de Avacaujú e a de Curuçú era tida como logradouro dos Anguéry, depois de ter dado, com rápidos intervalos, a morte de várias crianças vitimadas pela febre. Avacaujú, o grande chefe e médico-feiticeiro, naturalmente forjou logo o plano de mudar para outra região, mais afinal prevaleceu a proposta de Poyjú, mais sensato que aconselhara derrubar simplesmente o mato e fazer uma roça em seu lugar.

Andando-se de noite pela floresta, diz Avacaujú, e ouvindo-se a beira do caminho sussurros e os gemidos do Anguéry, é preferível voltar. Pois seguindo-se para frente o Anguéry aparece deitado no caminho com a forma de cadáver ou é visto na forma de um cachorro preto ou coisa semelhante. Quem o avista, ou morre imediatamente, aí mesmo, ou então caso saiba de uma forma mágica poderosa, conseguirá passar, mas não tardará a ser lavado pela morte.

Avacaujú se vangloriava: “Os outros tem medo do Anguéry; eu apenas tenho dó dele. Quer tornar a viver entre os parentes e, no entanto, não pode”. Era ele, precisamente, que sentia mais medo.

Certa vez estávamos numa caçada – ele, a mulher dele, o filho e eu – e acampados longe de qualquer sítio adaptado, junto ao ribeirão das Antas. De repente ouviu-se no silêncio da noite uma voz estridente e prolongada, muito semelhante à maneira pela qual os brasileiros costumam dar sinais a grandes distâncias. Todos naturalmente se assustaram e puseram-se a escutar cheios de curiosidades. O grito se repetiu mais uma vez e, em seguida, não se ouviu mais nada. Era curioso que, embora o autor dos gritos me parecesse estar a menos de um km de distância, cada um de nós, Avacaujú, a mulher dele e eu, indicava uma direção diferente de onde a voz teria vindo, enquanto o rapaz, que, aliás, era também o mais sonolento, não tinha ouvido coisa alguma. Foi o suficiente para que Avacaujú dissesse tratar-se de um Anguéry, declaração

que foi apoiada vivamente pela mulher e pelo filho. Ele sentou-se logo em posição adequada juntamente com a mulher e ambos ficaram cantando a noite toda. Ainda antes que começasse a clarear o dia, reunimos os nossos objetos, deixando o mais depressa possível, o soturno lugar.

O que havia de bom na alma do defunto vai para o feliz Além. Aí tudo continua como nos tempos de Nianderequey, em que se plantava hoje e amanhã já se comia milho verde.

Certa vez, um jovem Guarani viajou para o Rio, onde foi muito bem recebido, pediu que o aceitassem como o marinheiro. Acederam a seu desejo e mais tarde lhe foi confiado o comando de um grande navio.

Quando iniciou a primeira viagem com o navio, havia neste uma porção de italianos. Saiu para o mar, passando da água azul para vermelha, e da vermelha para a preta. Aí o mar devorou o navio, o Guarani e toda a italianada. Mas “no outro lado” todos saíram sãos e salvos. Aí avistaram uma ilha e navegaram em direção dela, mais a ilha ia recuando diante do navio e não podia ser alcançada. Por fim o Guarani se lembrou da canção mágica de sua tribo e depois de cantar por algum tempo, a ilha de fato ficou parada, e o navio se pôde aproximar. O Guarani desembarcou, mas logo que alguns dos outros lhe quisesse seguir a ilha tornava a recuar. Aí mandou os homens esperarem até que ele voltasse, e dirigiu-se para o interior da ilha, onde havia uma floresta de árvores frutíferas, umas com flores e outras com frutos de todas as espécies. Ouvia-se o chilreio dos passarinhos e do recesso da mata vinham as canções do Guarani, simultaneamente com as pateadas dos dançadores e os sons dos *takuá*. Aí o Guarani entrou na floresta e não voltou nunca mais.

Por muito tempo, os homens do navio ficaram esperando em vão pela volta dele. Como ele, no entanto, não aparecesse, e a ilha recuasse a cada tentativa de desembarque, resolveram ir-se embora.

O Guarani, porém, leva agora uma vida boa. Está outra vez no meio de sua gente, e não lhe falta nada, nem precisará morrer⁸².

A pessoa que morre com algum desejo muito vivo e não satisfeito pode renascer⁸³ por intermédio de uma mulher de seu parentesco.

Quando no ano de 1900, Avajogueraá, o cunhado de Avacaujú, empreendeu a viagem para o rio Feio em companhia do Pe. Claro Monteiro, deixou grávida na aldeia a sua jovem mulher. Por isso ele talvez desejasse com mais

intensidade do que qualquer outro o êxito da expedição. Quando os Coroados assaltaram a canoa do Padre, Avajogueraá recebeu uma flechada no ombro e outro na região ilíaca. A ponta da segunda flecha lhe foi tirada por um companheiro de tribo, Rapá que lhe arrancou com os dentes. Depois foi abandonado, a seu próprio pedido, por seus camaradas fugitivos, e nunca mais se teve notícias dele.

Quando, em julho de 1906, Avacaujú levou a Ponõchi seu filho recém-nascido Avaroquyjú, para fazê-lo batizar aí na presença de toda a tribo, Rapá notou casualmente pequenas manchas escuras no ombro e na coxa do pequeno, exatamente no lugar em que Avajogueraá fora atingido pelas flechadas. Saiu precipitadamente do rancho e correu para a roça, onde ficou sentado por longo tempo, primeiro chorando e soluçando amargamente, e, depois, cantando. Todos os Guarani olharam os sinais e, partir desse momento, ficaram com firme convicção de que Avaroquyjú é Avajogueraá renascido.

Quando, mais tarde se cogitou de dar também um nome brasileiro ao menino, o pai me disse: “Primeiro quis por-lhe o nome de Inácio (como se chamara Avajogueraá), mais não tive coragem”.

O renascimento pode dar-se também pelo caso de ser muito intenso o luto dos parentes. Assim, Avacaujú julgava reconhecer o seu pai Araguayraá, igualmente morto junto com o Pe. Claro, na pessoa de seu próprio filho, que nasceu após a morte de Araguayraá, mas que faleceu depois de pouco tempo, vitimado pela febre.

Por sua vez, Ponõchi que, segundo todos me contaram, ficara inteiramente inconsolável com a morte do pai, julgava revê-lo na pessoa de seu segundo filho, Avaracy que, por esse motivo, quase sempre era chamado de “Tujá” por todos os Guarani, apesar de não ter mais de 13 ou 14 anos de idade

TABUA DA FAMILIA HONORIO

CAP. DOS GIARANI DO IGATAMI
 morto pelo ano de 1890 numa expedição contra os Avayai. Casou com ? (rapazada pelos Avayai)
 FILHO
 morto no assalto dos Avayai & aliada
 FILHO
 morreu em menino a um Avayai
 FILHO
 afastado matador de Avayai

FILHO
 rapado, junto com a mãe pelos Avayai, migrou com a família para S. Paulo, -?- 1897; pert. de Bauri.
 FILHO
 -?- pelo ano de 1891 na volta do Dourado

CAP. HONORIO ARAGUYRA
 * em Mato Grosso; morto em 1901, juntamente com o Tc. Churo. Casou com:
 2. "NIANDICHARY"
 casava, após a morte de Avayayra, com Antônio Ribeiro Avaresey (Guarani de Ilerai)

FILHA
 morta na volta do Dourado
 FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado
 FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado
 FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado
 FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

FILHA
 morreu pelo ano de 1891 na volta do Dourado

Explicação de alguns termos guarani usado pelo autor

Acangua: diadema de plumas, que faz parte dos adereços cerimoniais do chefe religioso (Nimuendajú, *op. cit.*, p. 344).

Anguéry: a forma assumida, após a morte, pelo acyiguá ou parte “animal” da alma humana; o termo significa “o que foi alma” (Nimuendajú, *op. cit.*, p. 311).

Jaça (ou melhor, jiaçaá, como o autor escreve mais tarde): as enfiadas peitorais de semente preta de yma ú, que os homens usam em cruz sobre o peito, durante as práticas religiosas e em outras situações de sua vida; a palavra se traduz “cruzar-se” (Nimuendajú, *op. cit.*, p. 343 *et passim*).

Mau (ou, mais acertadamente, yma ú): semente preta, um pouco achatada, de uns 3 mm de diâmetro, que se considera sagrada e a que se atribuem propriedades mágico-medicinais. A planta é *Rhamnidium sp.* Do nome guarani, que equivale a “fruto-preto”, tenho ouvido as formas ymá u e yvâ u (Nimuendajú, *op. cit.*, p. 343 *et passim*).

Mbaracá: chacoalho de porongo, com semente de ymá u, que os homens empregam sempre nas rezas e cerimônias para marcar o compasso dos cantos e das danças.

Nianderu porai (ou nhanderu poraêi, como também se diz): cantos cerimoniais do nhanderu (“nosso pai”) ou chefe religioso. Tradução literal, “reza do nosso pai”. Distingue-se do yvyráídjá poraêi ou rezas dos auxiliares do culto.

Nimongarai: a grande festa anual, que se realiza na época do milho verde, entre janeiro e março. A palavra se decompõe em ni-mõ-carai (“a si fazer magia”), (Nimuendajú, *op. cit.*, p. 349).

Tacuá (tacupá ou simplesmente taquara): instrumento musical, feito de um pedaço de taquara branca, de uns 75 cm. de comprimento, aberto em cima e fechado em baixo, com que as mulheres batem no chão o compasso das rezas religiosas. Na literatura etnológica emprega-se o nome “bastão-de-ritmo.”

Yrucu: *Bixa orellana*, planta cuja semente fornece tinta vermelha para pintura do rosto e objetos cerimoniais. Formas aportuguesadas: urucu e urucum.

Notas:

¹ SCHADEN, Egon. Apontamentos sobre os Guarani por Nimuendajú. Tradução e notas de Egon Schaden. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 8, p. 9-11, 1954.

² Tradução e notas de Egon Schaden.

³ Essa mesma história foi desenvolvida por Nimuendajú no texto “Da fogueira de acampamento” publicado originalmente no jornal teuto-brasileiro *Deutsche Zeitung* em 16/12/1910. A partir dessa versão é possível saber que esse relato foi contado a Nimuendajú pelo velho “oguaúiva” Patay num acampamento da barranca do rio Batalha no oeste do Estado de São Paulo. Trata-se da história de um ataque que os Avavaí, inimigos dos Guarani, teriam realizado contra a aldeia do bisavô de José Honório Avacaujú, pai adotivo de Nimuendajú, no rio Iguatemi,

hoje no atual Estado de Mato Grosso do Sul, por volta de 1830. O garoto do relato que vinga a morte do seu pai assassinado por um índio Avavaí “era o pai do conhecido cacique Guarani Honório Araguayraá, que em maio de 1901, na infortunada tentativa da missão do Monsenhor Claro Monteiro no rio Feio, perdeu a sua vida debaixo das flechas dos Coroado selvagens e cujo Avacaujú é agora cacique da horda no rio Araribá” (*neste número*). Esse mesmo Patay também teria relatado a Nimuendajú uma das versões do mito da criação do mundo. Nas palavras de Nimuendajú “de acordo com uma outra versão [do mito da criação], que anos atrás me foi contada pelo velho Oguauíva Patay, ele [Ñanderuvuçu] teria fechado a trilha para o céu por meio de duas penas de arara fincadas à maneira de uma cruz de Santo André. Esta é provavelmente a versão mais antiga do mito” (NIMUENDAJÚ, Curt. *Lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo: Hucitec-Edups 1987 [1914], p. 49) [nota da presente edição].

⁴ José Francisco Honório Avacaujú, também conhecido como Joguyroquý, foi sem dúvida o principal informante guarani de Nimuendajú. Segundo as informações contidas no manuscrito do processo policial sobre o assassinato do Padre Claro Monteiro do Amaral, é possível saber que José Francisco Honório tinha 35 anos de idade em 1901, data do inquérito (ver Foto 1, “seção iconografia”, *neste número*). Sendo filho do Capitão Honório, também assassinado, Avacaujú depôs às autoridades policiais. Assim, cruzando com as informações de Nimuendajú, é possível imaginar que Avacaujú tenha nascido nas proximidades do aldeamento de São João Batista do Rio Verde, no então município de Itapeva da Faxina, na província de São Paulo, por volta de 1875. Avacaujú teria morrido por volta de 1916, no Posto Indígena de Araribá no atual Estado de São Paulo (ver Fotos 7 e 11 da “seção iconografia”, *neste número*) [nota da presente edição].

⁵ A margem direita do Baixo-Iguatemi, extremo sul de Mato Grosso, foi a “primitiva sede” dos Guarani da horda dos Apapocúva (“os de arco comprido”). Segundo Nimuendajú (“Die Sagen Von der Erchaffung und Vernichtung...”, etc.”, p. 292) existiam aí em 1914 dois núcleos, Porto Lindo e Arroio Mocoim, com um total de 200 almas. Em Junho de 1949, quando estive no Baixo-Iguatemi, encontrei lá uma única aldeia, a de Jacarei, situada na atual reserva de Porto Lindo, há cerca de uma légua da fronteira paraguaia e contando com aproximadamente 120 habitantes. Disseram-me ignorar o nome Apapocúva, embora as particularidades de sua cultura e de seu dialeto revelem com bastante clareza a sua identidade com o grupo estudado por Nimuendajú. As únicas autodenominações que ouvi entre eles, como, aliás, também entre os do Araribá e da aldeia do Bananal, são Guarani e Nhandéva (“os que somos nós” ou “nossa gente” na tradução de Nimuendajú, *op. cit.*, p. 286) [nota do tradutor].

⁶ O nome Avavaí dão os Guarani a todas as tribos bravias e hostis da floresta, sem distinção de idioma e descendência. Em vão procurei saber dos Guarani e dos Caioá a que nação pertencem os Avavaí em apreço. Se é que se pode dar crédito a outra narração dos Guarani, esses Avavaí eram antropófagos. É certo que não eram Caingang-Coroados ou Caiapó. Talvez “Shavantes” ou Guaiaqui? [nota do autor].

⁷ O menino de então era o pai de Araguayraá. Filho de chefe e pai de outro, ele próprio era homem inteiramente medíocre, do qual não há mais nada que relatar, a não ser, talvez, que morreu somente nos princípios da década de 1890 no sertão de Bauru [nota do autor].

⁸ Para os índios do sul de Mato Grosso, o machete, facão de uns 50 e 60 cm de comprimento, é arma e utensílio indispensável na vida quotidiana. Introduzido talvez para o trabalho de extração de erva-mate, passou a fazer às vezes de foice e de outros instrumentos de lavoura. É raro um índio da região ervateira sair de casa sem o machete à cintura. James B. Watson (“Historic Influences and Change in the Economy of a Southern Mato Grosso Tribe”, *Acta Americana*, III, 1945, p.3-24) caracterizou muito bem a importância do machete na lavoura dos Kaiová [nota do tradutor].

⁹ Esta história também foi desenvolvida por Nimuendajú no texto “Os Buscadores do Céu”, *neste número*, publicado originalmente em alemão no jornal *Deutsche Zeitung* em 05/11/1911. Uma versão muito parecida e contemporânea aos fatos pode ser encontrada no texto de João Henrique Elliott, A Emigração dos Cayuáz, *Revista do Instituto Histórico Geográfico*, tomo XIX, p. 434-447, 1856 [2ª edição de 1898]. Pablo Antunha Barbosa (2013, *neste número*) discute, de um ponto de vista histórico, as semelhanças entre as versões da mesma história. Ver também nota de rodapé

n. 9 desenvolvida por Lúcio Tadeu Mota em “As populações indígenas Kaiowá, Kaingang e as populações brasileiras na bacia dos rios Paranapanema/Tibagi no século XIX: conquista e relações interculturais”. *Fronteiras. Revista de História*, v. 9, n. 16, p.47-72, 2007 [nota da presente edição].

¹⁰ Como já se mencionou na introdução deste dossiê, em nenhum momento dos “Apontamentos...” Nimuendajú evoca o conceito de “Yvy marã Eý” tal como ele aparece em *As lendas*. Nos “Apontamentos...” ele usa apenas a expressão de “terra onde não mais se morre”. No texto “Os Buscadores do céu”, que cronologicamente ocupa o lugar intermediário entre os “Apontamentos...” e *As lendas...*, Nimuendajú propõe a ideia de “ilha das almas felizes”. Nesse sentido, acompanhando seus textos que tratam da questão das migrações guarani, é possível dizer que o conceito de “Terra sem Mal” ou “Yvy marã Eý”, que ficou conhecido na literatura antropológica, foi elaborado e pensado pelo autor entre os anos de 1911 e de 1914 [nota da presente edição].

¹¹ Os Guaianá haviam abandonado antes dos Guarani a sua terra de origem no Paraguai e, perseguindo o mesmo alvo de viagem, subiram o Paranapanema até toparem os primeiros paulistas nas proximidades de Paranapitinga e Pescaria. Tomados de susto pelo aparecimento inopinado de um bando de índios armados, estes dispararam sem perda de tempo as suas armas contra os Guaianá, que se vinham aproximando com intenções absolutamente pacíficas e que desorientados e embaraçados em consequência do ataque, ficaram sem saber o que fazer. Nessa altura, “Varão de Antonina”, cujos descendentes hoje se chamam “Vergueiro”, socorreu aos índios, conduzindo-os a sua fazenda e dando-lhes as primeiras noções de vida brasileira. Deu-lhes nomes cristãos e procurou acostumá-los à alimentação brasileira, mas os Guaianá detestavam o sal, a carne de vaca etc., tinham medo dos porcos que iam atrás deles sempre que entravam no mato e de modo geral sentiam-se em situação pouco confortável. Finalmente apareceu Frei Pacífico, que os reconduziu ao rio Verde [nota do autor].

¹² Não há clareza quanto à classificação étnica desses Guaianá. Se viajavam em direção do mar, em busca da Terra sem Males (como se pode depreender da nota 11 do autor), seria por certo culturalmente afins dos Guarani. Adiante, porém, (nota 22) são apresentados como índios de outra “nacionalidade” e idioma diferente. Em seu trabalho posterior, em que trata com maior exatidão das migrações guarani, distinguido entre várias hordas que se puseram em movimento, Nimuendajú não somente refunde a exposição dos informes aqui esboçados, retificando-os e dando-lhes feição mais histórica, mas tem também o cuidado de evitar quaisquer referências aos Guaianá. Esse nome, que já deu ensejo a muita celeuma, tem sido usado, como tantos outros, para tribos bem heterogêneas. Na literatura seiscentista designava, entre outros, os aborígenes do planalto piratiningano; a muitos pareceu ser corruptela de “Kaingang”, o que naturalmente não se coaduna com as fontes que os dão como pertencentes à família tupi-guarani. Em princípio deste século, o Pe. Vogt comunicou interessantes informes sobre índios Guaianá por ele visitados na povoação paraguaia de Vila Azara, junto a embocadura de Pira Pytã no Paraná. Eram Guarani que conservavam muitas reminiscências do tempo das Missões. Inclui na tradução do texto completo do Padre-Nosso e do Credo na tradução jesuítica. (“Die Indianer des obern Paraná”, *Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien*, XXXIV p. 200-221, 357-377). O “Varão [sic] de Antonina” a que o autor se refere em sua nota n. 11 talvez seja o Barão de Antonina, que doou aos índios a ponta de terra situada entre o rio Verde e o Itararé. O barão se chamava João da Silva Machado [nota do tradutor].

¹³ A partir da leitura d’*As lendas...* é possível saber que Nimuendajú passou a considerar os Guaianá pelos Oguauíva [nota da presente edição].

¹⁴ Trata-se da colônia militar do Jataí erguida no início da década de 1850 sobre a margem direita do rio Tibagi. No ano de 1855, na margem oposta do rio, ergueu-se o aldeamento indígena de São Pedro de Alcântara, tendo sido dirigido pelo capuchinho Timóteo de Castelnuovo. Vale notar que este foi o principal aldeamento oficial projetado pela Diretoria Geral dos Índios da província do Paraná. João Henrique Elliott (1856, *op. cit.*) outra vez dá sua versão sobre a chegada de um grupo de índios “cayuaç” na colônia militar do Jataí. Ver Pablo Antunha Barbosa (2013, *neste número*) [nota da presente edição].

¹⁵ João Henrique Elliott narra uma cena curiosamente parecida no seu texto sobre a “Emigração dos Cayuaç”. Vale notar, no entanto, a inversão dos termos entre o texto de Nimuendajú e o de Elliott. “O desembarque dos índios em Jataí foi uma completa ovação; ao porem eles o

pé em terra, ouviu-se de todos os lados uma contínua denotação de fuzis, como em aplauso aos recém-chegados, e recebiam-se vivas felicitações de que muito se lisonjeou o gentio. Essa festiva recepção foi retribuída com o toque de cornetas, clarins e pífanos que trazia comigo, e com outros tangeres indianos que produzia uma estrondosa fanfarra, o que muito deleitava os índios. Em seguida chegou ali algum gado para o corte, e bestas conduzindo víveres, e como os índios nunca tivessem visto desses animais, ao enxergarem-nos foi estupendo o seu temor e admiração, fugindo espavoridos e trepando às árvores, o que causou grande confusão e desordem entre racionais e irracionais. Passando o primeiro terror, e como conhecessem os índios que os animais eram inofensivos, foram pouco a pouco se aproximando deles e, por fim, os cavalgaram e os faziam correr com irrisão e algazarra dos cavaleiros. A esse tempo chegava ali o administrador da expedição com o resto da caravana conduzindo panos, ferramentas, miçangas e vários outros objetos para serem distribuídos pelos índios, e que estes bastante apreciam, o que foi tudo feito em conformidade com as ordens antecipadas do Sr. barão. Grande foi o contentamento dos índios em este donativo que lhes fez, e nas explosões do seu regozijo e batimento de palmas, tudo era dizerem que desejavam ver o Paí-Guaçu, persuadidos que ele residia ali” (Elliott, 1856, *op. cit.*) [nota da presente edição].

¹⁶ Ver nota 5 do texto “Os Buscadores do céu” (*neste número*) [nota da presente edição].

¹⁷ A cerca de légua e meia abaixo de Piraju, num lugar chamado “Douradão”, habitam ainda 5 famílias índios (4 Caioá e 1 Guarani), em um e outra margem do Paranapanema. Seu capitão chama-se, salvo engano, Antonio. Tem alguns porcos magros e muitas dívidas. Entre esses Caioá já não há nenhum que tenha lábio inferior perfurado [nota do autor].

¹⁸ Frei Matias de Gênova, Frei Pacífico de Montefalco e Frei Timóteo de Castelnuovo eram capuchinhos Italianos. O primeiro e o terceiro chegaram ao Brasil em 1851 e o segundo em 1844. Em 1845 Frei Pacífico encetou a catequese dos índios “Caioás” de São João Batista do Rio Verde (ou Itaporanga), fundando uma aldeia em terras doadas pelo barão de Antonina; faleceu na missão em 1861 quando esta contava com 478 índios. Frei Timóteo de Castelnuovo, célebre catequista do Tibagi e estudioso de línguas indígenas, criou, entre outras a missão de Jataí em 1855; trabalhou principalmente na aldeia de São Pedro de Alcântara, fronteira à de Jataí, vindo a falecer em 1894, ainda no exercício do seu cargo. Nas missões de Frei Timóteo os índios mais numerosos eram os da tribo Kaingang. Teve como auxiliar Frei Matias de Gênova, que depois foi vigário de Castro, onde morreu em 1873 (P. Frei Fidelis M. de Primeiro, *Capuchinhos em Terras de Santa Cruz*, p. 276 ss., 379, 381, São Paulo, 1942; Ver também Curt Nimuendajú, *op. cit.*, p. 289-290) [nota do tradutor].

¹⁹ Uma história extremamente parecida a essa é relatada por Joaquim Francisco Lopes no seu texto “Itinerário de Joaquim Francisco Lopes encarregado de explorar a melhor via de comunicação entre a província de São Paulo e a de Mato Grosso pelo Baixo-Paraguai”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo XIII, p. 315-335, 1850 [2ª. edição de 1872] [nota da presente edição].

²⁰ Esta denominação, da qual se encontram na literatura etnológica, muitas formas mais ou menos parecidas e que deriva de *Kááyyguá* (“habitantes do interior da mata”) ou de *Kááyguá* (“Habitante da mata”), tem sido aplicada a diversas populações de fala guarani. Os índios assim nomeados podem dividir-se em dois grupos que se distinguem pelo dialeto e uma série de particularidades em todas as esferas culturais. O primeiro conta muitos representantes no sudeste paraguaio, em algumas aldeias do território argentino de Missiones, na faixa ocidental dos Estados sulinos do Brasil, em dois pontos do litoral paulista (rio Branco e rio Comprido) e, finalmente, no Espírito Santo; é conhecido também pelo nome de *Mbyá* (“gente”), subdividindo-se em hordas com diferentes apelidos como *Tambéopé* ou *Ambéopéva* (“os de tanga larga”), *Txeirú* (“meus amigos”) e assim por diante. Nos últimos anos, Léon Cadogan, visitando-os repetidamente em suas aldeias do território paraguaio de Guairá, estudou-lhes cuidadosamente a língua, as tradições míticas, a religião e a magia. O segundo grupo é encontrado atualmente em postos e reservas indígenas dos municípios de Ponta Porã e Amambai, no sul de Mato Grosso. A convite da Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios realizei excursões de pesquisa etnológica a suas aldeias em Julho de 1949 e em Julho de 1950. Afirma-se haver também representantes deste segundo grupo nas matas do nordeste paraguaio e no Estado

do Paraná. É bom insistir em que não se trata apenas de “dois grupos geográficos” com um dialeto guarani, como ainda recentemente escreveu Loukotka (“Les langues de a famille Tupi-Guarani”, *Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, Universidade de São Paulo, Etnografia e Língua Tupi-Guarani, n. 16, p. 9, São Paulo, 1950). As diferenças entre os dois dialetos não são menores do que, por exemplo, as que separam um e outro do linguajar do bando descrito por Nimuendajú sob o nome de Apapocúva. É pena que não se tenha adotado a tempo a distinção entre “Kainguá” e “Kaiowá”, feita por Ehrenreich (“Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unsrer Kenntnisse”, *Petermanns Geographische Mitteilungen*, 1891, p. 88). Nas publicações etnológicas aparecem as formas Kaiguá, Kainguá, Kaaguá, Kaiuá, Kaiová, grafadas de diversos modos, ao lado de talvez meia dúzia de apelidos, dados a diferentes hordas. A sugestão de Hermann von Ihering (*The Anthropology of the State of São Paulo, Brazil*, 2. ed., São Paulo, 1906, p. 8), de se usar forma “Noto-cayuás” para os grupos do sul do Brasil (e do Paraguai) e de se reservar o nome “Cayowas” para uma tribo que ora situa no Alto-Tapajós, ora no Tocantins, naturalmente não resolveria o problema. Pior ainda seria adotar na literatura científica a distinção entre “Cayguás”, designativo “dos índios semi-civilizados” e “Cayuáz”, correspondentes aos “selvagens” (Romário Martins *apud* von Ihering, *op. cit.*, p. 44). Para se ter uma ideia da confusão reinante entre os autores no tocante a essas denominações, basta ler, por exemplo, as citações reunidas por R. F. Mansur Guérios em seu muito útil *Dicionário das Tribos e Línguas Indígenas da América Meridional* (tomo II, Curitiba, 1949, p. 96-97). A grande mobilidade espacial da maioria dos bandos indígenas de fala guarani e a conseqüente aculturação intergrupar tornam hoje quase impossível a sua classificação. Embora persistam diferenças evidentes, é certo que a cultura tende a uniformizar-se cada vez mais. É esta pelo menos a conclusão a que cheguei em minhas visitas a mais de uma dezena de povoações. Na atualidade, porém, os dois grupos de *kááyguá* representados em território brasileiro, e a que acima se fez referência, ainda são portadores de subculturas e dialetos característicos. Os de Mato Grosso não querem, de forma alguma, ser identificados com “Guarani” e consideram-se Kaiová (nome que alguns membros do grupo pronunciam *kadjová*, por “influência paraguaia”). Insistem em sua qualidade de “puro Kaiová”, motivo pelo qual proponho que se lhes reserve esse nome, e sob a forma hoje em uso entre eles. De sua parte, os bandos do grupo meridional não gostam que se lhes chame de *kááyguá*; ao contrário, fazem questão de serem tidos como “Guarani legítimos”. Parece-me conveniente designá-los de modo geral como Mbyá, nome que às vezes também se topa como autodenominação e que entre esses índios não tem o sentido de “estranho”, que lhe parece caber no linguajar comum do Paraguai. Não obstante, é claro, que, a par disso, se distinga, na medida do possível e do conveniente, entre as diferentes hordas, recorrendo para isso, a termos restritivos, como Txeirú, Tambeopé e outros. Quanto às formas *kááyyguá* e *kááyguá*, dadas acima para explicar a origem do nome Kaiová, ouvi-as ambas da boca dos próprios índios. Juan Francisco Recalde as apresenta também em nota à tradução do citado estudo de Nimuendajú (*Leyenda de la Creación y Juicio Final del Mundo como Fundamento de la Religión de los Apapokúva –Guarani*, São Paulo, 1944, p. 8), a primeira como etimologia de Kaingang (o que me parece duvidoso) e a segunda como origem do nome Kaiová (ou Kayguá, segundo Nimuendajú). Com razão, Recalde opõe aquelas duas formas ao termo *kááyguá* (cuia de chimarrão), em que se destaca um “y” tônico não nasal; a tradução literal de *káá-y-guá* é “recipiente para água de erva”. Marçal de Souza, meu principal informante no sul de Mato Grosso, disse-me ter ouvido também, para o nome Kaiová, a etimologia *kái-uá*, “comedores de macaco”, que, no entanto, não lhe parecia aceitável, uma vez que os outros grupos de idiomas guarani daquela região são igualmente “loucos por carne de macaco” [nota do tradutor].

²¹ Curiosamente, Schaden irá afirmar mais tarde em seus *Aspectos fundamentais da cultura guarani* (1974 [1954], p.2), a diferença entre Kaiowa e Nhandeva, ou entre Guarani (Nhandeva) e Mbya, que quatro anos antes ele considerava serem um único grupo [nota da presente edição].

²² Se bem que originalmente no rio Verde os Guaianá fossem mais numerosos do que os Guarani, a tribo desapareceu em período de tempo relativamente curto, pois não era reforçada por contingentes novos e, além disso, os numerosos mestiços sempre se consideravam Guarani, aceitando a língua destes. Hoje o idioma Guaianá não é mais falado em São Paulo. É verdade que existem ainda alguns velhos que o conhecem ao lado do Guarani, mas estes negam categorica-

mente a sua nacionalidade, portanto a palavra Guaianá, em consequência do desentendimento entre eles e os Guarani, tomou entre estes últimos o sabor de nome injurioso [nota do autor].

²³ N' *As lendas...* Nimuendajú usa a grafia *Tyvýry*, que significa "irmão menor" e que no possessivo se torna *che ryvy* ou *che ryvy'i*. *Chyvyi* é assim apócope de *che ryvy'i* e significa "meu irmãozinho menor" [nota da presente edição].

²⁴ Há cerca de um ano e meio, um índio vindo do rio Verde trouxe-me ao sertão de Bauru a notícia de que os moradores da aldeia da Barra Grande teriam morrido todos de uma epidemia. Essa aldeia, "Pinhalzinho", ficava a umas 4 a 5 léguas abaixo de Tomazina, na confluência do Itapeva com o Barra Grande, a pequena distância da embocadura deste último ribeirão no rio das Cinzas. Essa aldeia era relativamente próspera e tinha sempre uma população bastante numerosa. Havia aí dois capitães, um mais idoso (Antonio Ribeiro) e outro, jovem (Marcolino), que sabia ler e escrever, mas que infelizmente, era um pouco descuidado e inconstante. Além disso, foi aí que o "Santo Guyracambi" viveu os seus últimos dias [nota do autor].

²⁵ Em seu "Relatório sobre os Xavante de Mato Grosso (1993 [1913])" Nimuendajú menciona que "no ribeirão de Sta. Bárbara no retro do S.P.I. mora um grupo de 18 índios Guarani. São das aldeias do Yguatemi, os restos das tribos dos capitães Tupãmbé e Nimbiarapoñy, ambos falecidos, e companheiros de Antônio Tangará que morreu no Araribá" (Nimuendajú, 1993, p. 132). Nessa mesma lista consta o nome de Guyrapajú (Joaquim Silva) que, segundo Nimuendajú, teria sido um dos seus principais informantes (NIMUENDAJÚ, 1987 [1914], *op. cit.*, p. 4) [nota da presente edição].

²⁶ Essa mesma história é contada por Nimuendajú n' *As lendas...* no entanto o capitão João Pedro se transforma em Guyracambi (Nimuendajú, 1987, *op. cit.*, p. 92-93) [nota da presente edição].

²⁷ Na década de 70 do século passado [1870], e talvez até antes, existiu perto de Itapura numerosa horda Guarani, sob o governo do Capitão Fortunato e dois sub-capitães, e sob a inspeção do diretor da colônia militar aí existente. A essa horda veio juntar-se ainda, pelos fins daquela década, o Capitão José Vitorino (Ñiãovijychy?), o qual, vindo do Mato Grosso com pequeno bando se estabeleceu primeiro por pouco tempo no rio Verde, descendo depois o Paranapanema e subindo o Paraná, para ir morar numa fazenda da barra do Tietê, de onde finalmente se dirigiu para Itapura. Em consequência do tratamento um tanto enérgico da parte do diretor da colônia, o capitão Fortunato fugiu repentinamente Paraná abaixo, seguido da grande maioria de seus Guarani. Não sei qual a luminosa inteligência que mais tarde inventou no sertão a história, tida ainda hoje como absolutamente certa por todo sertanejo de Avanhandava, de que o capitão Fortunato teria dirigido os Coroados na ocasião em que estes, em 1887, massacraram onze pessoas no Córrego dos Pintos (ver acima). Para os índios restantes que ficaram perto de Itapura foi nomeado capitão José Vitorino. Entretanto também este não permaneceu mais por muito tempo na colônia tornando a levar os seus homens para a margem direita do Paraná, de onde, todavia, regressou, penetrando muito para o interior até o Ribeirão do Vorá, tributário do alto Barra Mansa, a sudeste de São José do Rio Preto (princípios da década dos 1890). Viveu lá algum tempo, granjeando fama de trabalhador ordeiro e diligente. "Naquele tempo, os moradores de Vorá engordavam à custa do suor dos índios", foi a expressão que no ano passado ouvi da boca de brasileiros daquela localidade. Por causa de uma índia surgiram depois desentendimentos entre os Guarani e os fazendeiros todo-poderosos; para contornar a situação, José Vitorino se transferiu para a fazenda de Antônio Sabino, no Tietê, pela mesma época em que os capitães Araguayraá e Yvyrai moravam com seus bandos mais abaixo, na embocadura do Dourados (ver abaixo). Aí morreu José Vitorino, vitimado pelas febres, e com ele quase todo o bando. O filho José Pedro, atravessando o rio Feio e passando por Bauru, regressou para o rio Verde, onde, porém, teve desavenças com os brasileiros que avançavam por aquelas terras, motivo pelo qual se dirigiu para a aldeia dos Caioá de Piraju. Aí mandou matar a machado e lançar ao rio a uma mulher que considerava responsável pelo elevado índice de mortalidade infantil observado na aldeia, e como depois disso continuassem as mortes das crianças, mandou assassinar também a filha daquela mulher. Depois disso, fugiu (1905) para o sertão de Bauru e desde aquele tempo vive com o bando de Avacajú, que o estima como poderoso médico-feiticeiro [nota do autor].

²⁸ Os Guarani do Bananal constituem provavelmente parte daquela horda Guarani, imigrada em 1835, que levou a efeito o seu intento de atingir o mar. O fato de serem oriundos do interior se torna manifesto diante do grande medo que têm do mar. A sua língua não difere absoluta-

mente do guarani do interior. Entre os Guarani do rio Verde, do Batalha, e mesmo no bando de José Vitorino, encontravam-se alguns indivíduos do Bananal, etc., e consta inversamente, que há gente do rio Verde morando entre os Guarani da costa [nota do autor].

²⁹ A aldeia do Bananal, junto ao rio Preto, ao sul de Itanhaém, foi por longo tempo importante núcleo guarani no litoral paulista. Quando a visitei pela primeira vez, em junho de 1946, estava em franca decadência. Encontrei somente sete fogos com um total de 40 almas (4 homens, 5 mulheres e 7 crianças guarani; o resto, isto é, mais da metade eram mestiços e caboclos). Depois o número aumentou um pouco, mas em 1948 ficou reduzido a uma ou duas famílias. Atualmente existe no “patrimônio” do Bananal um posto indígena, a cujo encarregado incumbe a espinhosa tarefa de fiscalizar e proteger os índios da costa de São Paulo [nota do tradutor].

³⁰ Segundo Pereira, frei Sabino de Rimini foi destacado para os aldeamentos do Araguaia em 1869. No entanto, permaneceu como missionário itinerante auxiliando diversos colegas de outros aldeamentos e missões (PEREIRA, Serafim. *Missionários capuchinhos nas antigas catequeses indígenas e nas sedes de Rio de Janeiro, Espírito Santo e leste de Minas (1840-1997)*. Rio de Janeiro: Cúria Provincial Capuchinha do Rio de Janeiro, 1998). Depois da morte de frei Mariano de Bagnaia na região do Paranapanema, Sabino de Rimini foi enviado à região para investigar sua morte. Durante sua estadia na região, tentou aldear os Guarani na região do rio Tietê [nota da presente edição].

³¹ Ver mapa mais abaixo [nota da presente edição].

³² Febre intermitente característica do paludismo, malária ou maleita [nota da presente edição].

³³ Quando o capitão Araguayraá foi para Guaranyuva, apareceu aí também o capitão Yvyrai, que fez uma roça na margem esquerda do rio Feio, mas não permaneceu no local por muito tempo. Voltou ao rio Verde, onde assumiu atitude enérgica contra a ação irresponsável do capitão Candinho e de outros Guarani que arrendavam aos brasileiros toda a terra dos índios a troco de um pouco de pinga ou de pagamento irrisório. Viajou a São Paulo e ao Rio de Janeiro, a fim de obter o título de capitão geral, que de fato lhe foi concedido. Voltou, assim, ao rio Verde na esperança de poder reprimir os abusos; adoeceu, porém, no mesmo dia, morrendo de varíola, e com ele a maior parte dos índios do rio Verde [nota do autor].

³⁴ No Inquérito sobre o assassinato do Padre Claro Monteiro do Amaral, o delegado de Bauru, Ferreira Leite, escreve uma carta no dia 22/05/1901 ao Chefe da Polícia do Estado de São Paulo, Dr. Pedro Antonio de Oliveira Ribeiro, informando que “o Inspetor de quarteirão do bairro do Rio Feio comunicou-me por ofício muito lacônico que Monsenhor Claro Monteiro, tendo descido o Rio Feio em companhia de bugres mansos que moram neste município e trabalham com o agrimensor Dr. Ismael Marinho Falcão, foi morto pelos índios. Diversos bugres que acompanharam o virtuoso sacerdote, consta-me, afirmam ter sido ele morto pelos índios bravios, mas não consegui ainda inquerir senão um dos bugres mansos que obstina-se a não dar informações, dizendo unicamente que o Monsenhor Claro foi morto e também o pai dele (bugre). Os outros índios em número de 5 esconderam-se no sítio de Dr. Ismael Falcão, e não foram encontrados. O que inqueri chama-se José Honório e foi-me necessário prendê-lo para trazê-lo à delegacia a fim de depor” (Inquérito Policial aberto pela 5ª Delegacia da Capital sobre a morte de Monsenhor Claro Monteiro, 1901, Arquivo Público do Estado de São Paulo, folha 21) [nota da presente edição].

³⁵ Guaranyuva (ou Guaraiuva, segundo a ortografia atual) é palavra intraduzível [nota do tradutor]. Ver Foto 7 da “seção iconografia”, neste número [nota da presente edição].

³⁶ Ao que se afirma, os dois jovens haviam atirado anteriormente contra os Coroados, que todas as noites costumavam divertir-se, disparando as espingardas que os dois engatilhavam nas suas armadilhas de caça [nota do autor].

³⁷ Gentil de Moura, 1º ajudante da turma que explorou o rio Feio em 1905 pela Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, faz uma lista no seu relatório dos ataques que os Coroados (Kaingang) teriam feito aos colonos na região do rio Feio. Menciona também as expedições vingativas realizadas pelos sertanejos. “[...] Reproduzo o itinerário e os episódios da mais longa batida que houve no rio Feio. Ela se efetuou há seis anos e teve por fim castigar os índios de terem ido ao sítio das Congonhas, de um tal Adãozinho, e em sua ausência matado uma vaca e um bezerro, tirado as ferragens das rodas de um carro, incendiando os ranchos e danificando

diversos objetos. Os expedicionários saíram das Congonhas indo dormir na barra do Lontra; no dia seguinte atravessaram o rio Feio e, depois de cruzar o ribeirão Bonito a cerca de uma légua da barra, foram pousar em meio caminho deste com a Palmeira. No outro dia, prosseguindo, atravessaram este ribeirão e foram pousar num ribeirão que verte para o sul. Prosseguindo, sempre no mesmo rumo, foram dar a meio de uma aldeia na beira de um ribeirão que também afluía para o sul. Encontraram uma área de cerca de cem metros de roçada e com trincheiras feitas com troncos de madeira. Dentro havia um rancho grande, de uns 9X3 metros e mais seis de menores dimensões. Daí saíam nove caminhos, que por seu turno conduziam para outros ranchos do aldeamento e daí distantes cerca de cem metros. Estes ranchos eram menores e construídos em meio água. Depois do necessário reconhecimento, feito na mesma hora que lá chegaram, voltaram atrás onde se esconderam no mato até romper o dia. Suas pegadas todavia deixaram algumas suspeitas aos índios; pois cedo, quando para lá se dirigiram, encontraram uma porção de galhos cortados de fresco, tapando uma passagem que na véspera estava aberta. Logo que a luz do dia permitia se distinguir alguma coisa, viram eles um índio vir de dentro do rancho em direção à tapada e depois de se esforçar para lobiçar alguma coisa que lhe chamou atenção, exclamou: 'Bugre diabo!'. Tinha ele uma zagaia na mão, de uns três palmos de comprimento. A ponta de ferro, o cabo de guaratã. Logo que se viram pressentidos, um dos assaltantes deu um tiro de carabina que, depois de atravessar o índio, ainda foi matar outro dentro do rancho. Mataram mais dois homens e uma mulher que levava aos braços uma criança do sexo feminino. Esta foi conduzida para o povoado e reside hoje na capital. Desse ataque somente um índio conseguiu escapar com vida [...]" (MOURA, Gentil, Relatório apresentado pelo Sr. Gentil Moura. Exploração dos rios Feio e Aguapehy, Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, 1905, p. 8) [nota da presente edição].

³⁸ "Dada" era termo usado para os assaltos de bugreiros às aldeias de índios [nota da presente edição].

³⁹ Ver item "Os Guarani no Iguatemi" acima e o texto "Da fogueira do acampamento" (*neste número*) [nota da presente edição].

⁴⁰ No Inquérito sobre o assassinato do Padre Claro Monteiro do Amaral, no depoimento dado por Ismael Marinho Falcão, consta que "o depoente conhece os índios mansos que acompanharam o Monsenhor Claro nessa sua expedição ao sertão, e em uma das muitas vezes que com ele esteve, aconselhou-o a que ele não aproveitasse os índios de nomes Capitão Honório, Ignácio e Antonio Roque, visto como em expedições anteriores haviam tomado parte e perseguido aos índios bravios que são de temperamento vingativo e aguardam sempre oportunidade de tomarem represália dos que os atacam" (Inquérito Policial aberto pela 5ª Delegacia da Capital sobre a morte de Monsenhor Claro Monteiro, 1901, Arquivo Público do Estado de São Paulo. Ver Foto 2 da "seção iconografia", *neste número* [nota da presente edição].

⁴¹ Também conhecido como Inácio Gomes. Segundo Nimuendajú ele era genro de Araguayraá, ou seja, irmão de Nimoá, mulher de José Francisco Honório Avacaujú, pai adotivo de Nimuendajú (1987 [1914], *op. cit.*, p. 46) [nota da presente edição].

⁴² Também conhecido como Antonio Roque dos Santos [nota da presente edição].

⁴³ Também conhecido como João Manuel da Silva, vulgo João Caçador [nota da presente edição].

⁴⁴ Também conhecido como Vergílio Tavyá. Foi ele com José Francisco Honório Avacaujú e Poñochí (João Caçador) que batizaram o jovem Curt Unkel em 1906 e lhe deram o nome guarani de Nimuendajú [nota da presente edição].

⁴⁵ Também conhecido como Salvador Carlos Moreira [nota da presente edição].

⁴⁶ Também conhecida como Ana Amélia ou Ana Aurélia [nota da presente edição].

⁴⁷ Também conhecido como Jesuíno Galdino [nota da presente edição].

⁴⁸ Niapery casou-se depois com um alemão, Georg Grütken, viveu com ele por muito tempo em Campinas e em São José do Rio Pardo, mas atualmente no Batalinha, no sertão de Bauru. A viúva de Avajoguera é casada com um brasileiro de Bauru [nota do autor].

⁴⁹ Em 1947, essa índia (conhecida pelo nome cristão de Maria) morava ainda no Posto Indígena "Curt Nimuendajú", casada com um companheiro de tribo de nome José Ribeiro. Era a mais

velha da aldeia, constando uns 70 anos de idade. Alguns filhos de seu matrimônio com Georg Grütken vivem nas proximidades de Bauru [nota do tradutor].

⁵⁰ No Inquérito sobre o assassinato do Padre Claro Monteiro do Amaral há referências sobre as acusações que Chico Mestre teria feito contra o referido padre às autoridades eclesiásticas a respeito de ele estar “amancebado com índias mansas” quando ele se encontrava no sertão do município de Bauru (Inquérito Policial aberto pela 5ª Delegacia da Capital sobre a morte de Monsenhor Claro Monteiro, 1901, Arquivo Público do Estado de São Paulo) [nota da presente edição].

⁵¹ O Padre Claro naturalmente não avistara a barra do rio Feio-Aguapeí no Paraná, mas a confluência do rio Feio e do rio Tibiriçá, que sem dúvida teria alcançado no dia seguinte, se pudesse ter continuado a viagem [nota do autor].

⁵² Abaixo da Barra Grande, alguns homens da Comissão Geográfica [e Geológica de São Paulo] encontraram, sobre a margem esquerda do rio Feio, um crânio de índios que, na opinião de Avacajú, poderia ser proveniente de Avajogueraa, abandonado na retirada. Acredito, antes, tratar-se do crânio de algum Coroado que, ferido num encontro com os brasileiros, fugiu para o mato e morreu [nota do autor].

⁵³ Pouco depois foi abandonada pelo marido e vive agora em Bauru como prostituta [nota do autor].

⁵⁴ Os autos do inquérito policial sobre a morte do Padre Claro existentes no Arquivo Público do Estado de São Paulo foram recentemente examinados por Fausto Ribeiro de Barros, que acaba de dedicar ao assunto um fascículo intitulado *Padre Claro Monteiro do Amaral: trucidado pelos índios “kaingangs” nos sertões do rio Feio*, São Paulo, 1950. Lê-se aí que a partida da expedição (composta de 9 e não 10 pessoas) se deu em 15 de abril de 1901. Quanto ao índio Ponóchi (João Caçador), teria ele feito a caminhada de regresso “armado de seu facão e de uma velha escopeta de ouvido” (Barros, *op. cit.* p. 20). O ataque dos Kaingáng se teria verificado a 9 de maio, ou seja, no 25º dia de viagem. A descrição do ataque (Barros, *op. cit.* p. 35-36), baseadas nos documentos do inquérito, concorda em suas linhas gerais e em muitos pormenores com a versão colhida por Nimuendajú. Diverge dela, porém, em alguns pontos. Assim, por exemplo, não somente uma, mas as três vítimas dos Kaingáng teriam sido abandonadas com vida pelos companheiros; além disso, os agressores depois de ferirem o missionário, teriam saltado na canoa pegando-o pelos braços, e subjugando-o. No dia 26 de maio de 1901, o *Jornal do Estado de São Paulo* referia-se, em seu comentário, as informações recebidas pela família do malogrado padre; dizia-se aí, entre outras coisas, que “uma das informações dá a entender que os assassinos do monsenhor Claro foram os índios mansos, supondo-se que a mando dos espoliadores de terras dos índios” (Barros, *op. cit.* p. 24) [nota do tradutor].

⁵⁵ Ver foto 6 [nota da presente edição].

⁵⁶ Nimuendajú faz referência a esse conflito no texto “Quanto à questão Coroado”. Ao mencionar o grupo Guarani do rio Batalha, Nimuendajú diz que “ele é constituído por sessenta cabeças, cuja menor parte está subordinada ao controle do cacique José Francisco Honório Avacaju, e a maior parte, devido ao açalamento dos brasileiros nas redondezas, se dispersou por fazendas vizinhas ficando diretamente hostil ao seu chefe legalmente reconhecido” [nota da presente edição].

⁵⁷ No Inquérito sobre o assassinato do Padre Claro Monteiro do Amaral, o delegado de Bauru, Ferreira Leite, escreve uma carta no dia 22/05/1901 ao Chefe da Polícia do Estado de São Paulo, Dr. Pedro Antonio de Oliveira Ribeiro, informando que tinha “sérias suspeitas de que Monsenhor Claro Monteiro tenha sido assassinado pelos próprios índios mansos para roubá-lo; pois consta-me que os referidos índios roubaram do mesmo sacerdote, em vida deste, grande quantidade de baeta que consta ter sido remetida para o sítio de Francisco Pereira da Costa Ribeiro, no sertão do Batalha, caminho do rio Feio, e um dos bugres mansos que regressou a Bauru vestindo uma calça de casimira que Monsenhor usava quando passou para o sertão. Sobre estes bugres há desconfianças antigas sobre crimes atribuídos a bugres bravos” (Inquérito Policial aberto pela 5ª Delegacia da Capital sobre a morte de Monsenhor Claro Monteiro, 1901, Arquivo Público do Estado de São Paulo, folha 21) [nota da presente edição].

⁵⁸ Em 1906 o mulato José Rodrigues de Nascimento tentou assumir o posto de capitão dos Guarani do Batalha. Apresentou-se como chefe caiapó e, como tivesse boa lábia, diversos Guarani acreditaram em suas mentiras e promessas. Isto durou até o surpreenderem certa noite quando procurava violentar uma jovem mulher guarani, a cujo marido fizera habilmente sair

do rancho. Os Guarani o perseguiram com grande alarido, mas sem alcançá-lo, e desde aquele dia não apareceu mais na região. Em fevereiro deste ano encontrei-o em Avanhandava, onde contava as mais arrepiantes mentiras sobre os Guarani [nota do autor].

⁵⁹ Por causa da praga de gafanhotos que na época infestava aquelas terras [nota do autor].

⁶⁰ Em fevereiro de 1947, Manuel Honório Poydjú (capitão Maneco), ancião de quase setenta anos de idade e atual chefe dos Guarani do Posto Indígena “Curt Nimuendajú” (antigo Araribá), me contou de forma bem resumida o que sabia da história de seu bando. Reproduzo aqui esses informes, para dar ao leitor interessado a possibilidade de um confronto com a versão de Nimuendajú. O capitão Maneco nasceu em Itaporanga, onde havia diversos capitães. Um deste era Aváguyrá (*sic*), pai de Maneco e chefe de umas vinte “famílias” (talvez pessoas). Maneco tinha seus doze anos de idade, quando o grupo do pai deixou o aldeamento, atendendo ao chamado de um Pe. Sabino que lhes pedia auxílio na pacificação dos Kaingáng. Perto da barra do Batalha no Tietê, encontram-se com o padre, descendo com ele até Dourados, onde havia de ser fundado o aldeamento. O padre foi ao rio e não voltou mais. Por isso, os Guarani abandonaram as roças e regressaram a Bauru. Em companhia do grupo de Aváguyrá (*sic*) havia outro, o do capitão Leme (Yvyraí), que voltou a Itaporanga com sua gente, que eram umas quinze “famílias”. Aváguyrá (*sic*), porém, ficou com os seus nas proximidades de Bauru, trabalhando por vários anos em medições de terras, sob as ordens do engenheiro Marinho Falcão. Depois de algum tempo, tornaram a estabelecer-se no rio Feio, cuidando de suas roças pelo espaço de uns cinco ou seis anos. Avistando, porém, ranchos dos Kaingáng, ficaram com muito medo, abandonaram tudo e voltaram a Bauru, onde trabalharam outra vez com Marinho Falcão. Mais tarde, o Padre Claro Monteiro os convidou a irem com ele ao rio Feio, para pacificar os Kaingáng. O padre dizia querer ver se o Aguapeí [rio Feio] desemboca no Tietê ou no Paraná. Com ele foram 8 homens e 1 mulher, entre eles Aváguyrá (*sic*). Passados 25 dias, regressaram dois homens e a mulher; os outros haviam sido mortos pelos Kaingáng. Djuguyrakú (*sic*) (também chamado Avacaújú), irmão de Maneco e pai adotivo de Nimuendajú, assumiu a direção do grupo, que tornou a morar perto de Bauru. O novo chefe foi a São Paulo, onde recebeu a patente de capitão, mas válida apenas para o Aguapeí. (O documento, em poder do capitão Maneco, foi expedido pela Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 3 de janeiro de 1902). Para lá alguns queriam voltar, com o intuito de continuarem o trabalho nas roças já iniciadas. Mas afinal resolveram ficar onde estavam, de medo dos Kaingáng. Junto ao Batalha, na barra do Araribá, em terras adquiridas ao engenheiro Falcão em troca de serviços, haviam fundado a aldeia pouco após a volta do Aguapeí. Daí alguns anos surgiu o Serviço de Proteção aos Índios e em 1914 Avákaudjú foi confirmado no posto de capitão, desta vez no Araribá. Morreu depois de um, dois ou três anos e em 1916 Manequinho (segundo documento em seu poder) foi nomeado seu sucessor pelo então Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais no Estado de São Paulo.

O sr. Joaquim Fausto Prado, que há cerca de vinte anos vem dirigindo com rara eficiência o atual P. I. “Curt Nimuendajú” (onde hoje vivem, além dos Guarani, índios Tereno trazidos do Mato Grosso), forneceu-me em 1947 uma relação dos Guarani e mestiços de Guarani existentes no posto. Eram 19 famílias: somando ao todo 73 indivíduos: 17 homens, 20 mulheres e 36 crianças. Quatro das mulheres guarani eram casadas com “civilizados”. A maioria dos adultos era natural de Itaporanga e do Araribá, mas havia também pessoas oriundas da região de Itanhaém, de Mato Grosso e um Mbyá do Rio Grande do Sul. As crianças, porém, tinham todas nascido no Araribá, o que evidencia a estabilização da mobilidade espacial desses índios em época recente. É, aliás, interessante notar que as migrações dos Guarani em direção à costa e em procura da Terra sem Males se vêm sucedendo até a atualidade, mas limitadas, nos últimos decênios, a famílias do grupo Mbyá. A última leva, chegada em 1946, encontra-se no rio Comprido (Serra do Itatins) [nota do tradutor].

⁶¹ Provavelmente trata-se da aldeia do rio Avari e não do rio Avaí [nota da presente edição].

⁶² Nimuendajú faz menção ao “Kaiuí Uembé” no “Relatório sobre os Xavante de Mato Grosso (1913)”. “Em tempos mais modernos, os Kaiuí, adaptando armas de fogo e outras vantagens da civilização, ganharam certa superioridade sobre os Ofaié. Organizaram então correrias especialmente para o fim de roubar crianças, que eles vendiam aos nacionais. O Kaiuí Uembé, morador do Araribá, tomou parte em alguma destas entradas” (NIMUENDAJÚ, Curt. Etno-

grafia e Indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará. Campinas: Editora da Unicamp, 1993 p. 102) [nota da presente edição].

⁶³ No Inquérito Policial aberto pela 5ª Delegacia da Capital sobre a morte de Monsenhor Claro Monteiro, em maio de 1901, o primeiro depoente, chamado Luiz Pereira Barreto, declarou no dia 29/05/1901 o seguinte a respeito de Chico Mestre: “[...] Que observou do padre Claro os perigos que corria ao penetrar naquelas regiões inteiramente desconhecidas, retorquiu com vivacidade não é dos selvagens que eu tenho medo, só receio os civilizados, os chamados posseiros que lá praticam toda sorte de atrocidades e abusando da ignorância e boa fé dos índios, apossando-se indignamente de suas terras; relatou as dificuldades que encontrou em Bauru em sua primeira viagem em Janeiro, dificuldades achadas, sobretudo, por um português lá conhecido pelo nome de Chico Mestre. Mestre, disse ele, de infâmia e de crimes; relatou mais que esse português com o fim de desacreditá-lo e impossibilitá-lo para continuar em suas missões naquelas paragens, não trepidou inclusive às autoridades eclesiásticas superiores no Rio, caluniando, dizendo que o Padre Claro achava-se em Bauru, amancebado com índias; contou mais o padre Claro que esteve em contato com os índios dessa região por cerca de quinze dias distribuindo-lhes todas as provisões, recursos que havia levado consigo; [...] as suas simpatias e todas as sua confiança, prometeu-lhes voltar breve levando-lhes mais abundantes provisões e garantiu-lhes que nessa sua segunda visita levaria autorização do Governo para assegurar-lhes a plena posse de suas terras; referiu mais que a sua retirada causou aos índios vivo pesar, que alguns choravam, e que ele só pôde consolá-los prometendo-lhes muito breve trazer outros consolos, outras condições de bem estar. Ficou bem estabelecido que ele havia [...] a plena amizade daquelas tribos. As consequências, entende o declarante, que o assassinato do Padre Claro não pode ser atribuído aos índios sem o mais rigoroso concurso de provas e que tudo leva a crer que foi ele tão somente devido as hostilidades feita ao Padre Claro pelos chamados posseiros; pensa o declarante que o português de nome Chico Mestre deve ser em primeiro lugar posto em suspeição e nesse sentido entende que se a letra das cartas de denúncia for reconhecida idêntica à de uma carta escrita ultimamente à família do padre Claro comunicando a sua morte não poderá fazer a mínima dúvida a respeito [...]” (Inquérito Policial aberto pela 5ª Delegacia da Capital sobre a morte de Monsenhor Claro Monteiro, 1901, Arquivo Público do Estado de São Paulo, folha 4-5) [nota da presente edição].

⁶⁴ É interessante a informação de que os índios se transferiam para as fazendas de particulares para trabalhar [nota da presente edição].

⁶⁵ Esta indicação temporal é interessante, pois nos permite datar aproximadamente quando Nimuendajú teria deixado a aldeia do rio Batalha com o Avari. Se os “Apontamentos...” estão datados de dezembro de 1908, a partir desta indicação podemos supor que Nimuendajú deixou o sertão paulista por volta de meados do ano de 1907 [nota da presente edição].

⁶⁶ Uma versão mais completa desta mesma história foi publicada por Nimuendajú no jornal *Deutsche Zeitung* em 13 de julho de 1910. Em 2001 o artigo foi publicado por Elena Welper na *Revista Mana*, v.7, n.2, p.143-149. Reeditamos neste dossiê a tradução publicada na *Revista Mana* [nota da presente edição].

⁶⁷ Ver Fotos 7 e 11 da “seção iconografia” [nota da presente edição].

⁶⁸ A partir da versão publicada no jornal *Deutsche Zeitung* [neste número] é possível saber que José Pedro também era conhecido pelo nome Vergílio Tavyá [nota da presente edição].

⁶⁹ Dança tradicional da Europa do leste, sobretudo, dançada na Hungria [nota da presente edição].

⁷⁰ Deixando de lado o prefixo (*ni*) e o final (*ju*), o autor explica o seu nome guarani, decompondo-o em *mō* (fazer) e *endá* (morada). (Nimuendajú, 1914, *op. cit.*, p. 304). Mais tarde, em carta dirigida a Baldus, diz o seguinte: “Nimuendajú é a forma no dialeto Apapocúva. No antigo guarani de Montoya seria Nemoendaju; os Parintintin me chamavam Jimoendajuv. A raiz é *tendá*, o lugar que corresponde a uma pessoa ou coisa (Montoya: lugar em que se está), que, por sua vez, segundo Montoya, seria o gerúndio do verbo *i*, estar. Com a partícula ativa *mo*, temos o verbo *moenda* (Montoya: dar assento, dar lugar). A partícula *ñe*, igual a *je* antes de vozes nasais, segundo Montoya é: recíproco *in se ipso*. *Ju*, *juv*, é verbo defectivo que desig-

na a existência, o ser. Compreendo perfeitamente o sentido do meu nome e o sr. também o compreende, mas até hoje não fui capaz de traduzi-lo com exatidão para o alemão, nem para o português”. Recalde, que publica essa carta na citada tradução do estudo de Nimuendajú sobre os Apapocúva, aventa a hipótese de que o final *ju* derivaria do *u* correspondente a pai. Com recurso a doutrina da reencarnação aceita pelos Apapocúva, traduz então “Nimuendá (é seu) pai, ou melhor: descendente de Nimuendá”, na pessoa de Nimuendajú teria, assim, renascido Nimuendá, hipotético personagem da mitologia, assim denominado porque “soube abrir o seu próprio caminho neste mundo e conquistou o seu lugar, talvez de chefe entre os contemporâneos” (Recalde, *op. cit.* p. 2). Isto, entretanto, não se coaduna com as explicações (aliás contraditórias) que ouvi entre os próprios índios. Na opinião de Recalde (*ibid.*), a cor amarela, que em guarani se diz *ju* ou *dju*, não tem “valor mitológico” em que se possa fundar outra interpretação. Mas na realidade é esse o sentido que a maioria dos Guarani dá ao final *dju*, não na tradução vulgar de amarelo, mas como termo religioso, em que “amarelo” equivale a “áureo” como a luz do sol e, de modo geral, ao celeste, sublime ou sagrado. O valor desse *dju* é de natureza muito mais emotiva e mística do que representativa, e mais de uma vez me disseram que evoca sentimentos que só um Guarani pode ter. As almas humanas vêm do Além; são, pois, *dju*, e daí a frequência desse final nos nomes próprios. Nos cantos religiosos dos Kaiová descrevem-se os deuses em todo o seu esplendor; ouvem-se aí expressões e frases como *ipepódju porã*, “as suas asas belas e brilhantes”, *hakuêráé úóndajú*, “somente eles têm trajes resplendentes”, e assim por diante. Não se liga ao termo nenhuma ideia de “paternidade”. De uma velha do Bananal obtive outra interpretação para o *djú* dos nomes próprios: explicando o nome de uma jovem, *Porãdjú*, traduziu-o com “ela é mesmo bonita”, em concordância, pois, com o sentido que Nimuendajú dá ao sufixo: “verbo defectivo que designa a existência, o ser” [nota do tradutor].

⁷¹ Para melhor compreensão da influência da literatura indianista na formação etnológica de Nimuendajú ver Welper (2013, neste número) [nota da presente edição].

⁷² N’*As lendas...* Nimuendajú escreve “*ñanderu porai*” (Nimuendajú, 1987 [1914], *op. cit.*) [nota da presente edição].

⁷³ Seguramente Nimuendajú quis dizer acompanhar o canto entoando-o uma terça acima, num intervalo de terça [nota da presente edição].

⁷⁴ Em guarani o certo seria “*pochy*” visto que o “*i*” já se refere ao médico-feiticeiro [nota da presente edição].

⁷⁵ Nimuendajú desenvolve o capítulo 3 d’*As lendas...* a partir destes dados [nota da presente edição].

⁷⁶ É interessante notar que n’*As lendas...* Nimuendajú escreve Ñanderuqueý [nota da presente edição].

⁷⁷ N’*As lendas...* Nimuendajú escreveu Ñanderu [nota da presente edição].

⁷⁸ Na versão mais completa, publicada também no idioma original (Nimuendajú, *op. cit.*, p. 388-393), não se faz referência a três deuses ou senhores celestes, mas a dois somente: Ñanderuvuçu (“nosso pai grande”) e Ñanderu Mabecuaá (“o nosso pai conhecedor das coisas”). O nome deste último é o que o autor não conseguia lembrar-se ao redigir os apontamentos; a forma ouvida na primeira vez seria Cherú Mbaecuaá (“meu pai conhecedor das coisas”). Nianderu, Cheruvuçu e Ñanderuvuçu são um só personagem. Em conversas com índios do Araribá, verifiquei mais de uma vez que se empregam os três nomes indistintamente. A crença em vários céus sobrepostos é comum à maioria dos bandos guarani com que até hoje entrei em contato [nota do tradutor].

⁷⁹ Deste mito, conhecido na literatura folclórica pelo nome de “tapera da lua”, há numerosas variantes, colhidas em populações indígenas e caboclas. Poydjú (capitão Maneco, do P.I. Curt Nimuendajú) ditou-me uma versão um tanto diferente do texto aqui reproduzido. Disse-me preliminarmente 1) que Jacy, a lua, é homem e não mulher; 2) que lhe cabe a tarefa de mandar a chuva; 3) que não é irmão do sol, ou seja, de Nhanderú (vusú). Eis o conto de Poydjú: “A lua (Jacy) tinha uma irmã. Então o irmão foi lá e foi dormir com a irmã. E ela não conhecia quem era. E a irmã então passou a mão na tinta dessa fruta e passou pela cara do irmão. É por

isso que a lua tem a essa mancha que não sai”. A fruta, que em guarani se chama *nhandypá* (jenipapo), é alongada e de cor parda. “Corta-se a fruta, põe-se na brasa; a semente ferve e sai a tinta” (Poydjú).

Vejam como Nimuendajú apresenta em seu trabalho posterior (*op. cit.*, 331) as crenças dos Apapocúva sobre o sol e a lua: “Quero acrescentar aqui também os outros informes, por escassos que sejam, que obtive sobre o sol e a lua. Os dois seriam irmãos, e um índio afirmou certa vez que seriam filhos (masculinos) de *Ñanderú Mbaecuaá*. Durante a noite, a lua, levada por impulso homossexual, visita o irmão em lugar em que está dormindo; ele, no entanto, não o reconhece. Para a noite seguinte prepara, porém uma tigela com tinta preta-azulada de jenipapo, que lhe serve para manchar o rosto do misterioso visitante; no outro dia, reconhece, dessa maneira, a seu irmão (mais novo). *Ñanderuvuçú* põe-nos então a ambos no firmamento: o mais velho, sol, como astro noturno, e o mais novo, a lua, como astro diurno. A lua, todavia, mostrou ser muito quente; queimou a terra. Em virtude disso, o sol foi colocado em seu lugar, passando a lua a ocupar a noite. Tem vergonha do irmão maior, ao qual jamais apresenta o rosto todo com as manchas de jenipapo” [nota do tradutor].

⁸⁰ Em 1914 Nimuendajú escreve *Ñandejáry* [nota da presente edição].

⁸¹ Na maioria das populações de idioma guarani, *Niandejáry* ou *Nhandedjára* é hoje o nome corrente para o Deus cristão, cabendo mesmo, como designação genérica, às divindades da religião tribal. Cada uma destas tem atributos de grande feiticeiro ou poderoso xamã. A história de *Niandejáry* (da qual se encontra versão mais completa à p. 380 do estudo maior) mostra bem a maneira peculiar pela qual se transformaram textos cristãos quando incorporados ao repertório indígena. Todavia, a confusão entre Judas e o soldado romano que abriu com a lança o lado de Jesus Cristo é coisa insignificante em comparação com a que se observa em outros casos. Exemplo característico é dado por Albert Kruse, O.F.M. (“Lose Blätter vom Cururu”, *Santo Antônio*, vol. XII, n° 1, Bahia, abril de 1934, p. 29) num mito sobre a origem das raças humanas; surgem aí, em curiosa combinação, a figura do Adão, da serpente e do Samuel bíblicos. É bem pitoresca também a história de Nuá (o Noé bíblico) ouvida por Th. Koch-Grünberg entre os índios do Uraricuera (*Vom Roroima zum Orinoco*, I, p. 137-139, Berlim, 1917), e da qual existe tradução ligeiramente alterada em português (C. Teschauer, S. J., *Avifauna e flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas*, p. 239-242, Porto Alegre, 1925) [nota do tradutor].

⁸² A Terra sem Males, ou *Yvy Marãey* é um dos principais mitos dos Guarani. Ocorre igualmente em outras tribos da mesma família linguística, como também, sob formas diversas, em populações Karaib, aruak, etc. A ideia de uma “ilha afortunada” é comum entre os Karaib setentrionais. Os chefes religiosos guarani não têm todos a mesma opinião sobre a situação da maravilhosa terra; a maioria espera encontra-la além do Oceano Atlântico, para os lados do sol nascente; outros a procuram no zênite, outros, em fim, no centro da superfície terrestre (Nimuendajú, *op. cit.*, p. 354-355). Em virtude de sua ligação com a ideia de *mbaé meguá* (a ameaça de destruição que paira sobre a terra), o mito do *Yvy Marãey* dos Guarani desempenha função social muito mais relevante do que tradições similares em outras tribos [nota do tradutor].

⁸³ Esta parte foi retomada n’*As lendas...* quando Nimuendajú fala da reencarnação das almas (Nimuendajú, 1987 [1914], *op. cit.*, p. 45, 46 e 47) [nota da presente edição].

Recebido em 4 de março de 2013

Aprovado para publicação em 25 de março de 2013